

M

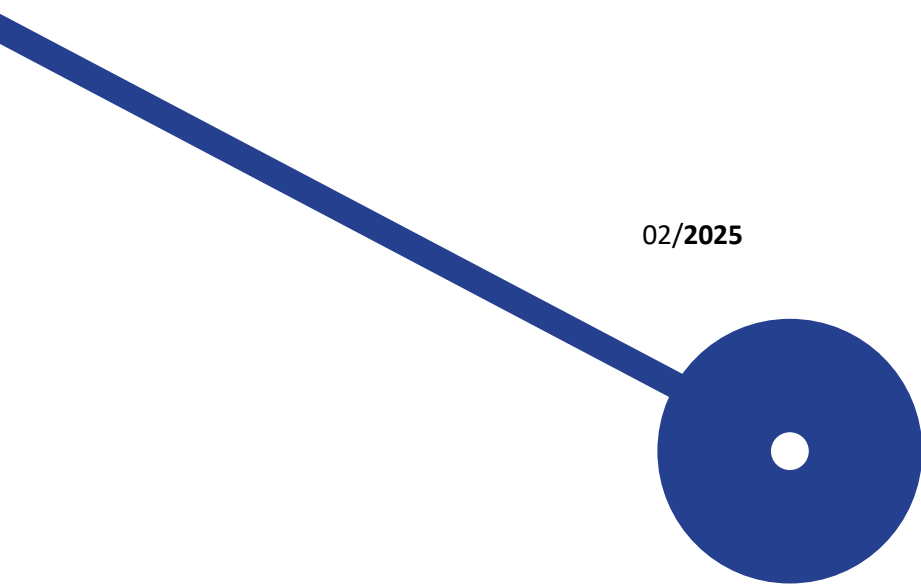
MESTRADO

EDUCAÇÃO ESPECIAL: MULTIDEFICIÊNCIA E PROBLEMAS DE COGNIÇÃO

# A Inclusão de crianças e jovens com necessidades adicionais de apoio no Movimento Escutista

Dissertação de Mestrado

02/2025



Politécnico do Porto

Escola Superior de Educação

Mariana de Castro Costa Póvoa

A inclusão de crianças e jovens com necessidades  
adicionais de apoio no Movimento Escutista.

Dissertação de Mestrado

**Mestrado em Educação Especial: Multideficiência e Problemas da  
Cognição**

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Doutora Mónica Silveira Maia

Porto, fevereiro de 2025

“But the real way to get happiness is by giving out happiness to other people. Try and leave this world a little better than you found it and when your turn comes to die, you can die happy in feeling that at any rate you have not wasted your time but have done your best. ‘Be prepared’ in this way to live happy and die happy—stick to your Scout Promise always—even after you have ceased to be a boy—and God help you do it.”

*Farewell letter to Scouts of the World, Lord Baden-Powell*

# Agradecimentos

Com o encerrar de mais um capítulo, é importante valorizar os que sempre estiveram do meu lado e que foram fundamentais para a conclusão desta etapa.

À Professora Doutora Mónica Silveira Maia, pela excelente orientação e apoio constante. Por compartilhar comigo toda a sua sabedoria e me ajudar nos momentos em que me sentia mais perdida. Pela dedicação, carinho e paciência. Uma muito obrigada.

Aos meus pais, por serem o meu porto-seguro e não me deixarem desistir. Por mostrarem diariamente que acreditam em mim de olhos fechados.

Aos meus irmãos, pela compreensão diária e por me tentarem animar sempre.

Ao meu namorado, por todo o amor e pela paciência infinita. Obrigada por, nos momentos de desespero em que não me conseguia lembrar de nada, sugerires sempre os melhores sinónimos. Pela compreensão e pelo ombro amigo.

Ao meu Agrupamento e a todos os que me ajudaram a realizar esta investigação, pela partilha e pelo amor que ao longo deste tempo me foi oferecido. Sempre Alerta!

A todos os meus amigos, pela paciência, compreensão e companheirismo. Por me terem dado sempre muita força e não me deixarem desistir.

# Resumo

O Movimento Escutista tem tido um papel muito relevante na preparação para a cidadania ativa e inclusão social de todas as crianças e jovens. É também caracterizado por uma cultura de interajuda, cooperação, sensibilidade afetiva, autoconhecimento e solidariedade. Num quadro de inclusão social, são cada vez mais as crianças e jovens com necessidades diversas – incluindo as decorrentes de situações de deficiência e incapacidade - a ingressar e a participar no Movimento Escutista.

Torna-se, por isso, fundamental conhecer e sistematizar as melhores práticas no apoio ao acolhimento e inclusão destas crianças/jovens no seio das atividades escutistas.

Com este trabalho de investigação pretende-se explorar boas práticas e desafios no acolhimento e inclusão de crianças/jovens com deficiência e incapacidade. Foram realizados grupos focais com um total de 31 Dirigentes e Candidatos a Dirigente. Na análise discursiva dos participantes sublinham-se como estratégias para a inclusão a adaptação de atividades, a intensificação da monitorização da criança e a educação dos pares.

Os principais desafios apontam para a necessidade de criar mecanismos mais eficientes de comunicação com os familiares da criança/jovem, promover a formação dos dirigentes para a inclusão e reforçar o trabalho colaborativo entre dirigentes.

**Palavras-chave:** Escutismo; Educação Não-Formal; Crianças e jovens com deficiência e incapacidade; Inclusão.

# Abstract

The Scout Movement has played a very important role in preparing all children and young people for active citizenship and social inclusion. It is also characterized by a culture of mutual aid, cooperation, emotional sensitivity, self-knowledge, and solidarity. In a context of social inclusion, more and more children and young people with diverse needs—including those arising from situations of disability and incapacity—are joining and participating in the Scout Movement.

It is therefore essential to identify and systematize best practices in supporting the reception and inclusion of these children/young people in Scouting activities.

This research aims to explore good practices and challenges in welcoming and including children/young people with additional support needs in Scouting. Focus groups were held with a total of 31 leaders and leader candidates. In the discursive analysis of the participants, the adaptation of activities, the intensification of monitoring of the child, and peer education are highlighted as strategies for inclusion, which are considered key points for this integration to take place.

The main challenges were described as being related to communication with the child/young person's family, as information is sometimes not shared with leaders. The training of leaders for inclusion and collaborative work between them were also addressed as challenges.

**Keywords:** Scouting; Non-Formal Education; Children and young people with disabilities and impairments; Inclusion.

# Índice de abreviaturas

**A.E.P.** – Associação de Escoteiros de Portugal

**B.P.** – Baden-Powell

**C.D.** – Candidato a Dirigente

**C.N.E.** – Corpo Nacional de Escutas

**F.E.P.** – Federação Escutista de Portugal

**O.D.S.** - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

**O.M.M.E./ W.O.S.** – Organização Mundial do Movimento Escutista/ World  
Organization of the Scout Movement

**O.N.U.**- Organização das Nações Unidas

# Índice

Agradecimentos .....	4
Resumo .....	5
Abstract.....	6
Índice de abreviaturas .....	7
Introdução.....	1
Capítulo 1 - Enquadramento Teórico.....	4
1.    O Escutismo .....	4
1.1    A sua missão.....	4
1.2    O Corpo Nacional de Escutas (CNE) – Escutismo Católico Português .....	6
1.3    Projeto e perspetiva Educativa do CNE .....	7
1.5    O Adulto no Escutismo .....	11
1.6    Educação Não-formal.....	15
1.7    Inclusão Social.....	16
Capítulo 2 - Método.....	20
2.1    Desenho do estudo .....	20
2.2    Participantes.....	20
2.3    Instrumentos .....	21
2.4    Análise de dados.....	22
2.5    Procedimentos .....	22
Capítulo 3 -Resultados.....	24
Capítulo 4 - Discussão .....	35
Conclusão.....	40
Referências Bibliográficas.....	42

Anexos.....	48
Anexo I – Carta de Apresentação .....	48
Anexo II – Consentimento Livre e Informado.....	49
Anexo III – Guião Grupos focais.....	51
Anexo IV – Tabela de análise de conteúdos .....	53

# Introdução

O Escutismo foi fundado em 1907, por Baden-Powell, em Inglaterra. O mesmo é caracterizado como um movimento de educação não-formal, que proporciona às crianças e jovens uma formação global, para que se tornarem cidadãos ativos e responsáveis na sua comunidade.

Enquanto elemento ativo no escutismo, considero que o mesmo detém uma metodologia baseada em valores e princípios imprescindíveis para o desenvolvimento das crianças/jovens, como o trabalho em equipa, o respeito e a autonomia. Este, permitiu-me progredir enquanto cidadã individual, mas também, enquanto elemento presente e ativo na comunidade em que estou inserida.

Este movimento oferece aos seus elementos uma educação para a consciência cidadã, num modelo educativo que procura construir bases para a felicidade pessoal e universal - no sentido de estender ao outro aquilo que é uma boa vida para si (CNE, n.d.).

O Movimento Escutista está presente em 176 organizações espalhadas por todo o mundo. O mesmo, fomenta a educação para a paz, incentivando um espírito de compreensão e solidariedade entre os jovens. Internacionalmente, proporciona atividades mundiais que promovem o respeito pela interculturalidade, geram amizades e desenvolvem competências de liderança em contextos diferentes para os elementos (WOS, n.d.).

De acordo com a Organização Mundial do Escutismo (n.d.), este caracteriza-se por ser um movimento que acolhe toda e qualquer criança, jovem e adulto voluntário. Como princípio base assume-se que a etnia, género, competências e contexto não constituem entraves à presença no movimento, visto que, este está em constante adaptação para atender às necessidades, expectativas e aspirações em concordância com a evolução dos jovens em diferentes contextos sociais, permitindo que os

mesmos prosperem num mundo dinâmico e multicultural, onde a diferença é respeitada e valorizada.

De acordo com o PIP (n.d.), “O Corpo Nacional de Escutas procura consciencializar, capacitar e formar os seus agentes educativos para o acolhimento de crianças e jovens com necessidades educativas especiais”. As equipas para a inclusão de cada região, promovem estes mesmos objetivos, realizam auscultações e tentam sempre proporcionar aos respetivos agrupamentos as ferramentas necessárias para a inclusão de crianças e jovens com necessidades de apoio.

Não obstante, e apesar do movimento escutista ser cada vez mais procurado como contexto para promover o desenvolvimento e inclusão destas crianças e jovens, são conhecidos obstáculos de natureza variada, desde a acessibilidade física até à preparação dos dirigentes (Europe Region of the World Association of Girl Guides and Girl Scouts, 2004).

Por outro lado, existem guiões de inclusão que definem boas práticas no movimento, como por exemplo, os Boy Scouts of America (2018, p.3) que sublinham que “a utilização de instalações acessíveis é um convite para que os escuteiros com incapacidade se sintam bem-vindos e capazes de participar plenamente.” Embora todos estes desenvolvimentos continuem a escassear trabalhos que possam integrar de um modo abrangente e sistemático as abordagens e estratégias usadas pelo movimento, bem como as barreiras que persistem nos processos de inclusão no seio do escutismo.

Neste contexto, o propósito deste trabalho é o de explorar o papel do escutismo na inclusão de crianças/jovens com necessidades de apoio, pretendendo identificar metodologias e estratégias de integração dentro do movimento escutista, bem como, necessidades e desafios que precisam de ser respondidos neste contexto. De um modo concreto pretendemos responder às seguintes questões: (I) quais são as experiências e perspetivas (incluindo iniciativas, programas e estratégias já implementadas) dos Dirigentes do Movimento Escutista em Portugal sobre as práticas de inclusão no Escutismo; (II) quais são as abordagens e estratégias chave

para uma cultura e prática inclusiva no Escutismo; e (iii) que necessidades estão por responder para promover, de um modo sustentável, práticas inclusivas no escutismo.

No âmbito desta investigação foram realizadas três sessões de grupos de discussão com um total de 31 participantes, onde foram debatidas questões importantes para a inclusão no movimento escutista. Com cada uma das sessões, pretendeu-se criar um espaço seguro de partilha entre dirigentes e candidatos a dirigente da região do Porto, no qual puderam partilhar as suas vivências, experiências e preocupações relativamente à temática.

Neste sentido, proporcionou-se um ambiente de respeito e aprendizagem mútua, bem como um ambiente reflexivo, no qual os dirigentes compartilharam as suas estratégias e concluíram em grupo o caminho que o CNE deve seguir para ser cada vez mais inclusivo.

# Capítulo 1 - Enquadramento Teórico

## 1. O Escutismo

O Escutismo foi criado por Baden-Powell e, por isso, todo o fundamento do movimento foi realizado e descrito por ele. O Corpo Nacional de Escutas é uma das instituições que renovou grande parte das suas produções, como livros, manuais de aprendizagem e programas e, por isso, grande parte do enquadramento teórico tem como fonte Baden-Powell ou CNE, visto que, são as principais fontes para caracterizar e explicar o movimento e as suas perspetivas educativas, alternando com instituições internacionais de Escutismo.

### 1.1 A sua missão

O Escutismo, criado por Lord Baden-Powell, sustenta uma pedagogia educativa para crianças e jovens entre os 6 a 22 anos. Este, proporciona aos jovens o desenvolvimento emocional, intelectual, físico e espiritual como indivíduos e cidadãos responsáveis, assumindo-se como membros das suas comunidades locais, nacionais e internacionais (CNE, n.d.).

A nível mundial, a organização do Escutismo é governada pela Organização Mundial do Movimento Escutista (OMME – WOS – World Organization of the Scout Movement), sendo esta, uma organização independente, não governamental constituída por 176 Organizações Escutistas Nacionais, com mais de 40 milhões de membros distribuídos por mais de milhões de grupos de escuteiros locais.

A OMME é constituída por cerca de 7 milhões de adultos voluntários que ajudam e dinamizam atividades locais, através de uma liderança de pessoa para pessoa, apoiada por adultos. Os escutas regem-se pelo mesmo conjunto de valores, valores estes apresentados na Promessa e Lei Escutista, seguindo um sistema semelhante de educação não formal, adaptado às características únicas de cada comunidade local (WOS, n.d.).

Segundo Baden-Powell, cada escuteiro deve “tentar deixar o mundo um pouco melhor do que o encontrou”, guiando-se pelo mesmo conjunto de valores expostos

na Promessa e Lei Escutista, acompanhando um sistema de educação não formal, adaptado às características únicas de cada comunidade local.

A Lei e a Promessa constituem-se como a base fundamental do Escutismo, agrupando os valores por este sugeridos em toda a fraternidade mundial.

No Corpo Nacional de Escutas as Leis são:

- a) A honra do Escuta inspira confiança.
- b) O Escuta é leal.
- c) O Escuta é útil e pratica diariamente uma boa ação.
- d) O Escuta é amigo de todos e irmão de todos os outros Escutas.
- e) O Escuta é delicado e respeitador.
- f) O Escuta protege as plantas e os animais.
- g) O Escuta é obediente.
- h) O Escuta tem sempre boa disposição de espírito.
- i) O Escuta é sóbrio, económico e respeitador do bem alheio.
- j) O Escuta é puro nos pensamentos, nas palavras e nas ações.

Este, definiu ainda três Princípios:

1. O Escuta orgulha-se da sua Fé e por ela orienta toda a sua vida.
2. O Escuta é filho de Portugal e bom cidadão.
3. O dever do Escuta começa em casa.

Assim, para aderirem voluntariamente à Associação, foi criado por Baden-Powell, um compromisso com a Lei, através da realização da Promessa, nos seguintes termos:

“Prometo, pela minha honra e com a graça de Deus, fazer todo o possível por:

- Cumprir os meus deveres para com Deus, a Igreja e a Pátria;
- Auxiliar o meu semelhante em todas as circunstâncias;
- Obedecer à Lei do Escuta.”

Não obstante, a Lei não se assume como uma exigência, mas sim como orientações para o bem comum. “A lei do escuteiro contém as regras que se aplicam aos jovens escuteiros de todo o mundo, e que tu prometes cumprir quando és admitido como escuteiro” (Powell, Escutismo para rapazes, p.24).

## 1.2 O Corpo Nacional de Escutas (CNE) – Escutismo Católico Português

O Corpo Nacional de Escutas – Escutismo Católico Português foi fundado pelo Arcebispo D. Manuel Vieira de Matos e o Dr. Avelino Gonçalves a 27 de maio de 1923 em Braga, após realizarem a primeira reunião com 11 pessoas que viviam em Braga a 24 de maio de 1923, para avaliarem a possibilidade de criar um grupo de Scouts Católicos portugueses, na sequência do Congresso Eucarístico Internacional em Roma no ano de 1922 (Reis, 2013). O governador civil de Braga, a 27 de maio desse ano, aprovou os estatutos e a 26 de novembro os mesmos foram confirmados pela portaria nº 3824 do Ministério do Interior e Direção Geral de Segurança. O Decreto-lei nº 9729, de 26 de maio de 1924, confirma a aprovação destes estatutos e alarga-os a todo o território português. Com esta expansão, foi necessário criar um meio de comunicação entre todas as unidades, e, em fevereiro de 1925, surge o 1º número do jornal “Flor de Lis” (Vicente, 2004).

O primeiro regulamento que permite a entrada de senhoras para o movimento enquanto dirigentes de Alcateia foi publicado em 1934 e em novembro desse mesmo ano, foi anunciado um novo regulamento onde a designação de “Scouts” passa, oficialmente, para Escutas, alterando a sigla CNS para CNE.

Ao longo dos anos, o CNE vai se expandindo e em 1963 é inaugurado o Campo-Escola, em Fraião, que permite a Formação de Dirigentes. A Revolução de Abril de 1974 foi também importante para o CNE, pois permitiu diversas mudanças, como a criação de uma Comissão Executiva que administra a Associação o que provocou, em 1975, a aprovação de novos estatutos. Em 1976, o Conselho Nacional permite a

entrada de jovens de sexo feminino para as várias secções, tendo esta alteração sido vista como o lançamento da coeducação do CNE.

O CNE é uma associação de juventude sem fins lucrativos, não-política e não-governamental, destinada à formação completa de crianças e jovens, com base no método criado por Baden-Powell e no voluntariado dos seus membros. O CNE e a Associação dos Escoteiros de Portugal fazem parte da Federação Escutista de Portugal (FEP), sendo que esta representa ambas as associações a nível mundial na OMME.

Segundo os registos do CNE (2025), em Portugal, estão assinalados cerca de 1.030 agrupamentos locais em todos os concelhos do território continental e regiões autónomas dos Açores e Madeira, estabelecendo uma organização territorial apoiada em cerca de 50 estruturas de núcleo e região, tendo como executivo a Junta Central, que assegura a gestão e a implementação das políticas gerais e sectoriais do CNE.

Atualmente, o movimento escutista conta com cerca de 68000 escuteiros, sendo a maior associação escutista e a maior associação de juventude portuguesa. Este é um movimento da Igreja Católica, sendo que, a Animação da fé é feita naturalmente, através do jogo escutista, sentido à luz de Jesus e do Evangelho (Reis, 2007).

O mesmo organiza as crianças e jovens em quatro secções de acordo com a faixa etária: dos 6-10 anos apelida-se o grupo de Alcateia, sendo cada elemento denominado de Lobito; dos 10-14 anos designa-se o grupo de Expedição, sendo cada elemento apelidado de Explorador; dos 14-18 anos denomina-se o grupo de Comunidade, sendo cada elemento chamado de Pioneiro; dos 18-22 anos apresenta-se o Clã, sendo cada elemento apresentado como caminheiro.

### 1.3 Projeto e perspectiva Educativa do CNE

O Método Escutista, elemento pedagógico original e identitário do Escutismo é um sistema de autoeducação gradual, fundamentado em sete elementos, sendo esses: Relação Educativa; Mística e Simbologia; Vida na Natureza; Sistema de Progresso; Sistema de Patrulhas e Aprender Fazendo. Este, pretende promover a saúde física e

cívica dos elementos baseando-se nos “princípios da Educação Nova” (Vicente, 2004, p.217).

Destes, considero importante destacar o Aprender Fazendo, visto que, sendo o Escutismo um movimento com o objetivo de ajudar crianças e jovens a desenvolver integralmente as suas capacidades, para que se tornem membros ativos e responsáveis na sua comunidade, não devem simplesmente observar os outros a fazer, mas sim aprender enquanto tentam. A aprendizagem é um processo dinâmico e ativo. No Escutismo, o jogo representa uma componente essencial, sendo que as crianças e jovens deparam-se com desafios e obstáculos, aprendendo e desenvolvendo capacidades e sendo solidários uns com os outros. É importante referir que, para que a criança se sinta integrada e útil no jogo ou na atividade, a mesma deve envolver-se na sua realização, escolhendo o mesmo, participando no seu planeamento, na seleção de material, proporcionando assim um sentido de responsabilidade.

A metodologia do projeto constitui-se como elemento fundamental do Aprender Fazendo, proporcionando às crianças e jovens um ambiente seguro, para que consigam transformar os seus sonhos em vivências e atividades enriquecedoras que contribuam para o seu desenvolvimento pessoal.

Segundo Espada (2015), a metodologia de trabalho de projeto é composta por várias fases que se interligam entre si havendo um fio condutor entre elas. Neste sentido, um projeto escutista caracteriza-se por ser um trabalho em conjunto, que envolve 4 fases principais – idealização e escolha, preparação, realização e avaliação, baseia-se no uso do método escutista, incluindo oportunidades educativas e considerando os interesses dos elementos, bem como as suas capacidades e necessidades. Deve possuir uma meta clara e pretender que cada criança e jovem alcancem o objetivo comum através do seu esforço pessoal.

A metodologia do projeto proporciona uma capacidade de dialogar e cooperar com outros, contribuí para uma genuína participação dos jovens nas decisões que lhes dizem respeito, desenvolve a responsabilidade e o sentido de “propósito”, possibilitando a procura e descoberta de talentos. Esta, permite ainda treinar

competências diversas e criar hábitos de funcionamento fundamentais para a vida contemporânea. Neste sentido, Sousa & Mesquita (2016) consideram que os projetos devem nascer do interesse e sugestões das crianças, para que os mesmos sejam educativos e transmitam aprendizagens relevantes e de importância para as crianças.

A proposta educativa do CNE possui uma correspondência aos 4 pilares da educação preconizados pela UNESCO: aprender para saber, aprender a fazer, aprender a viver em conjunto e aprender a ser. O Escutismo representa um conjunto de métodos que contribuem para o desenvolvimento pessoal das crianças e jovens, bem como, desenvolvimento de competências de trabalho em grupo, através, portanto de três pilares fundamentais – Ser, saber e Agir.

Na sua perspectiva educativa, Baden-Powell pretendeu que o movimento escutista abrangesse todas as dimensões da personalidade humana, desenvolvendo-as na sequência do processo internacional de Renovação da Ação Pedagógica, centrada em seis áreas de desenvolvimento pessoal:

- Desenvolvimento Físico – o corpo;
- Desenvolvimento Afetivo – os sentimentos e as emoções;
- Desenvolvimento do Carácter – a atitude;
- Desenvolvimento Espiritual – o sentido de Deus;
- Desenvolvimento Intelectual – a inteligência;
- Desenvolvimento Social – a integração social.

Em cada uma das componentes de desenvolvimento pessoal estão destacados três “trilhos educativos” que observam as necessidades e aspirações das crianças/jovens em partilhar. Segundo o CNE (n.d.), um “trilho educativo” é um eixo de crescimento a explorar em cada uma das áreas acima referidas, no âmbito dos quais se definem os objetivos de desenvolvimento pessoal.

Neste sentido, em cada área de desenvolvimento pessoal existem os seguintes “trilhos educativos”:

- **Desenvolvimento Físico:** Desempenho, Autoconhecimento e Bem-estar físico;
- **Desenvolvimento Afetivo:** Relacionamento e sensibilidade, Equilíbrio emocional e Autoestima;
- **Desenvolvimento do Carácter:** Autonomia, Responsabilidade e Coerência;
- **Desenvolvimento Espiritual:** Descoberta, Aprofundamento e Serviço;
- **Desenvolvimento Intelectual:** Procura do conhecimento, Resolução de problemas e Criatividade e Expressão;
- **Desenvolvimento Social:** Exercer ativamente cidadania, Solidariedade e tolerância e Interação e cooperação.

#### 1.4 Sistema de Patrulhas

“O Sistema de Patrulhas leva cada jovem a ver, que detêm uma parte das responsabilidades para o bem da sua Patrulha. Leva cada Patrulha a ver que tem uma certa responsabilidade para o bem do seu Grupo. (...) Graças a este sistema, os jovens descobrem progressivamente que têm voz activa e voto, em tudo o que o Grupo faz. É o Sistema de Patrulhas que “faz” do Grupo, e, por conseguinte, de todo o Escutismo, um verdadeiro esforço de cooperação” (Powell, 2003).

Neste sentido, uma das premissas básicas do Escutismo é o trabalho em equipa. O Sistema de Patrulhas constitui um dos elementos mais marcantes do Escutismo enquanto pedagogia educativa, surgindo quando as crianças e jovens se organizam num pequeno grupo com uma identidade e uma liderança, é o local onde estes, sob essa liderança, desenvolvem relações e assumem diversas tarefas para a promoção do bem-comum, potenciando a aprendizagem da democracia, solidariedade, compreensão do papel do líder e da importância de uma consistente e boa liderança para o desenvolvimento do grupo.

Este sistema assume no movimento escutista um esforço de cooperação, através do método de educação natural e não-formal, no qual cada criança/jovem, com as suas particularidades e interesses, cresce e progride com os outros e entre eles, no qual os pares se reconhecem pela vivência conjunta e pela prática da Lei do Escuta.

Neste, cada criança assume um papel e uma responsabilidade, criam hábitos de divisão de tarefas e bens, desenvolvendo assim competências fundamentais para o seu futuro, unindo os jovens num objetivo comum e desconstruindo a perspectiva egocêntrica, através da amizade e cumplicidade. Tal como explica a Organização Mundial de Escuteiros (2019) “cada elemento tem uma função educativa, contribuindo para o processo educativo numa forma específica, complementando o impacto de outros. Assim, todos os elementos são necessários para o sistema funcionar e devem agir consoante o propósito e princípios do escutismo” (p.15).

O Conselho de Guias é um órgão permanente, com a coordenação do Chefe de Unidade e um elemento crucial da vida das secções. O papel do Guia para além de liderar e coordenar a equipa é essencial na representação deste junto de toda a secção no Conselho de Guias (CNE, 2011).

O Escutismo enfatiza a vida ao ar livre, tentando proporcionar atividades diferentes do quotidiano das crianças e jovens. Neste, os elementos enfrentam certos obstáculos e são incentivados a arranjar uma alternativa, logo, quando se deparam com um par que, por algum motivo, apresenta uma restrição, neste caso física, devem realizar, através de diversas metodologias, uma modificação na atividade para que o elemento com restrições não fique excluído, preservando o propósito e benefício da mesma. Os dirigentes e candidatos a dirigente assumem um papel imprescindível nestas situações, em secções mais jovens. No entanto, a partir de uma certa idade é fundamental começar a integrar os pares nestas estratégias, para que os mesmos aprendam e que consigam, posteriormente, de forma mais natural, realizar as mesmas alterações, permitindo uma integração absoluta da criança/jovem com necessidades adicionais.

## 1.5 O Adulto no Escutismo

No Escutismo, o Adulto é a base da educação completa das crianças e jovens da sua secção, intervindo de forma colaboradora. A criança e o jovem deverão ser o centro da ação pedagógica, visto que, estes são os principais autores do seu

desenvolvimento. O papel da relação entre pares é primordial como base da pedagogia educativa escutista, no entanto, a presença do adulto e a relação educativa que se estabelece entre ele e a criança/jovem é um elemento fundamental para o método escutista.

De acordo com o CNE, o papel do adulto foca-se na criação e segurança de um ambiente estável e conveniente a uma aprendizagem através do aprender fazendo, bem como da analogia da vida da secção com os ideais e valores do Escutismo.

A finalidade do Escutismo é que a criança/jovem se desenvolva em autonomia, por isso, o papel do adulto centra-se na promoção dessa autonomia, através de uma relação de forma dinâmica entre a autonomia da criança/jovem e o envolvimento do adulto, diferenciada qualitativamente, ao longo do percurso educativo da criança/jovem nas secções.

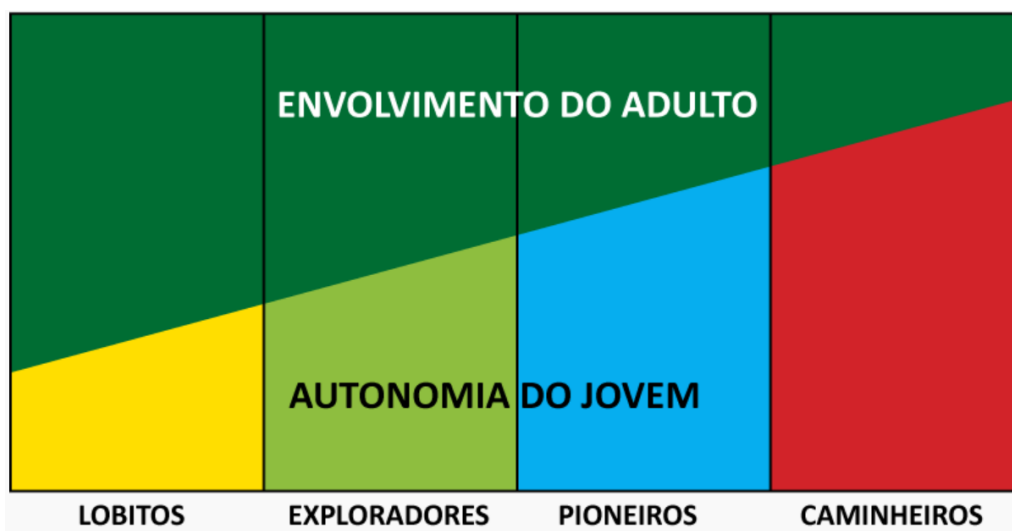


Figura 1- Papel do Adulto consoante a secção

A figura 1 representa o papel do Adulto de acordo com a secção. O envolvimento e intervenção do mesmo ao longo das secções vai diminuindo, considerando que com o aumento das idades das crianças e jovens e consequente maturidade, o adulto consegue deixar um espaço seguro e consistente de aprendizagem e sente que a sua intervenção passa de regular para assistente (Secretaria Nacional Pedagógica, 2015).

Esta componente sobressai na constituição das equipas de animação, ou seja, nas secções com elementos mais jovens (lobitos e exploradores), a equipa de animação

é constituída de forma diferente do que nas secções com elementos mais desenvolvidos (pioneiros e caminheiros). Assim, é comum, por exemplo, nos lobitos, uma equipa de animação com maior número, dependendo também do número de elementos de cada secção. Por outro lado, nos caminheiros, já não é tão necessária uma equipa de animação com um número elevado, mas sim uma equipa de animação com constituintes que saibam orientar e desconstruir, pois nas idades mais desenvolvidas é essencial a presença de um moderador e não uma figura autoritária.

Assim sendo, dependendo da secção, existe uma necessidade diferente de companheirismo e uma liberdade de acordo com a responsabilidade depositada no elemento. Não obstante, em todas as secções existe a necessidade da presença do adulto, isto é, sentir que o adulto está sempre lá quando necessário, uma sensação de segurança e tranquilidade através da incentivação e da orientação, considerando o adulto como um sinónimo de apoio contínuo (Powell, 2011).

O adulto deve saber integrar-se com as crianças e jovens, encontrando um equilíbrio entre o seu papel e a relação com os elementos, proporcionando uma relação educativa escutista positiva.

Baden-Powell (2011) explica que o dirigente do CNE se caracteriza por ser um moderador e que não deve considerar o seu papel como único elemento que toma decisões, mas sim deve possibilitar aos elementos o desenvolvimento da sua autonomia e liberdade de escolha, orientando-os nos seus projetos.

Cada adulto no movimento escutista, é uma pessoa voluntária que se rege pela ideologia do movimento. Estes, têm de possuir um conjunto de conhecimentos e atitudes adquiridos através do percurso formativo proporcionado pelo CNE. A responsabilidade do adulto passa também por assegurar que em todas as atividades e acontecimentos são cumpridas as normas de segurança legais, garantindo assim o seu papel enquanto orientador e mediador de segurança e o funcionamento dos elementos integrantes do método escutista.

Desta forma, é possível comparar o papel do adulto no movimento escutista como uma mentoria. O Centro Nacional de Recursos de Mentoria (2018, p.4) define

mentoria como “relações e atividades que ocorrem entre jovens (mentorandos) e pessoas mais velhas/experientes (mentores) que atuam numa função de ajuda não profissional, seja através de um programa ou, de forma mais informal, com o objetivo de fornecer apoio que beneficie uma ou mais áreas do desenvolvimento do jovem.”

Os mentores devem servir de exemplo para os jovens e partilhar experiências enquanto ajudam estes no seu desenvolvimento académico, profissional e psicossocial e na sua transição para a vida adulta.

Na inclusão de crianças e jovens com necessidades adicionais na sociedade, a Mentoria apresenta-se como uma ferramenta fundamental. Estudos que abordam a mentoria com jovens com deficiência comprovam potenciais benefícios na transição do ensino para o emprego, bem como na autoestima, competência social e componentes de vida independente (Lindsay & Munson, 2018).

O escutismo é um ambiente seguro constituído por uma aprendizagem experiencial, neste é sempre pretendido que as crianças e jovens experimentem coisas novas, experienciando situações e acontecimentos que seriam muito difíceis de experimentar fora do movimento escutista, com o objetivo de se tornarem mais capazes, aprendendo a trabalhar em equipa, mas também a liderar e a fortalecer as relações interpessoais. Neste sentido, o mentor deve ser um exemplo, auxiliando a criança/jovem com necessidades adicionais para que não se encontre num ambiente social isolado, proporcionando um suporte social através de projetos como os que integram o movimento escutista (Centro Nacional de Recursos de Mentoria, 2018).

O Escutismo defende que o elemento aprende a ser mais afetuoso, a transmitir a paz e o bem-estar comum por aqueles que o rodeiam e a ser livre, respeitando a liberdade do outro. Nesta perspetiva, é também papel do mentor (=adulto) estabelecer estes valores no dia-a-dia, trabalhando com os pares num sentido cooperativo para a integração das crianças/jovens com necessidades adicionais (The Scout Association of England, n.d.).

## 1.6 Educação Não-formal

“A paz não pode ser garantida unicamente por interesses comerciais, alianças militares, desarmamento geral ou tratados recíprocos, a menos que o espírito de paz esteja presente na mente e na vontade de todos os povos. Isto é uma questão de educação.” (Baden-Powell, 1926. Citado por Carlos Pereira em 2021).

De acordo com o autor Rui Canário (2006, p. 197), os processos educativos não formais estão “marcados pela flexibilidade de horários e locais, em regra de carácter voluntário, pensados à medida de públicos e situações singulares:” Assim, não é identificável uma estratégia específica da educação não-formal, não obstante, o contexto, os conteúdos e os elementos inseridos detêm um papel fundamental para determinar os métodos a aplicar em cada experiência.

Os valores do Movimento Escutista, proporcionam aos escuteiros, o desenvolvimento do carácter marcado pela honestidade, lealdade, cooperação e fé, permitindo-lhes ser um semeador de esperança e um construtor da paz. Segundo Gohn (2006, p. 29) a Educação não-formal “educa o ser humano para a civilidade, em oposição, à barbárie, ao egoísmo, individualismo...”.

Neste sentido e de acordo com o quarto artigo da Lei do Escuteiro: “O Escuta é amigo de todos e irmão de todos os outros Escutas”. Assim, é possível associar o movimento escutista como educação não-formal, visto que, é identificável estratégias em comum. Este, é um movimento de Educação Não-formal, cuja missão é ajudar crianças e jovens a tornarem-se cidadãos solidariamente ativos na comunidade, empenhados na “construção de um mundo melhor”. Isto é, o movimento escutista integra um sistema de educação progressivo e estruturado, focado e pensado para a criança/jovem e para o seu desenvolvimento, sendo que são definidos objetivos para cada elemento e estruturadas metodologias adequadas a estes objetivos, mas também, ao contexto em que o elemento está presente (Barcelos, 2016).

Segundo Pereira (2021) as crianças e jovens escutistas habitam-se, com pequenos gestos (=” boas ações”), a agirem de forma solidária e gratuita, em prol dos outros, evidenciando-se a compreensão, cooperação e integração e é precisamente neste

sentido, que o Escutismo se assume como um instrumento para o desenvolvimento da paz pela educação.

Também nesta perspectiva, Baden-Powell (2011, p.33) explica que “a finalidade da formação escutista é melhorar o nível dos nossos futuros cidadãos, especialmente no que diz respeito a carácter e saúde; substituir o egoísmo pelo Serviço, tornar os moços individualmente capazes, moral e fisicamente, com o fim de aproveitar essa capacidade para servir os seus semelhantes.”

Tal como já foi abordado no ponto 1.3 - projeto e perspectiva educativa do CNE, do ponto de vista do Escutismo, as aprendizagens ocorrem através de experiências individuais ou conjuntas dos elementos, bem como na educação não-formal. Estes partilham ideais como o saber-saber, saber-ser e saber-fazer, correspondendo de forma absoluta às necessidades e interesses reais dos elementos. Logo, os programas de educação não-formal permitem uma adaptação de conteúdos aos locais, salientando as necessidades e interesses instantâneos dos elementos.

De acordo com Pereira (2021), toda esta ação educação é um contributo para a habitabilidade da Terra e para o incentivo da Paz. Assim, o movimento escutista é reconhecido por possuir a finalidade de formar crianças e jovens, cooperando para o seu crescimento pessoal, social e intelectual.

## 1.7 Inclusão Social

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, reflete a inclusão como pilar na promoção da dignidade humana. Na Agenda 2030, da ONU, a inclusão é um dos principais conceitos, dado que, os desequilíbrios que levam a estabelecer os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), a nível mundial, são fatores de exclusão social. A ODS10- Reduzir as desigualdades - retrata isso mesmo, considerando que o contexto de desigualdade abrange educação, saúde, mercado de trabalho mais justo e inclusivo, levando a que esta ODS detenha de um cariz prioritário (Relatório nacional sobre a implementação da agenda 2030, 2017).

A Inclusão Social é definida como o processo que pretende melhorar as condições dos indivíduos, relativamente, à participação na sociedade, para pessoas com

desvantagens em relação à idade, sexo, deficiência, raça, etnia, religião ou situação económica através do aumento de oportunidades, do acesso a recursos e do respeito pelos direitos (Nações Unidas, 2016).

Segundo Madariaga (2011), para que a inclusão social se cumpra, é necessário consciencializar a sociedade sobre a existência de diversidade; fazer frente às políticas sociais que promovem a exclusão, assim como promover relações entre pessoas com e sem deficiência para aumentar a consciencialização social.

Deste modo, é possível caracterizar uma sociedade como inclusiva se a mesma promover um sentimento de pertença, estimar a diversidade, respeitar as origens e modos de vida dos indivíduos e proporcionar acesso a bens e serviços em igualdade de oportunidades, modificando as normas sociais, culturais e políticas, bem como atitudes e comportamentos da população (Nações Unidas, 2016).

Assim sendo, o processo de inclusão social é “um processo que assegura que aqueles em risco de pobreza e exclusão social obtenham as oportunidades e os recursos necessários para participar plenamente na vida económica, social e cultural e para desfrutar de um nível de vida e de bem-estar considerado normal na sociedade em que vivem. A inclusão social garante também que os grupos e pessoas vulneráveis tenham uma maior participação na tomada de decisões que afetam as suas vidas e o acesso aos seus direitos fundamentais.” (EU, 2019, p.9)

O Movimento Escutista assume-se como um movimento que se baseia em valores como o escuta é leal, de confiança, amigo, obediente, corajoso, alegre, procura realizar uma boa ação diariamente, cumprir o dever com deus e a pátria e ajudar o próximo sempre que possível, estando implícito nestes, a inclusão.

Segundo Mcconkey (2006) & O'Rourke (2004), apesar dos desafios, pessoas com necessidades adicionais são incluídas mediante oportunidades aumentadas e estruturadas de participarem em atividades na sua comunidade. Também Vicente (2015) realça “o poder” do envolvimento na comunidade e nas atividades, sumariando os benefícios cognitivos e comportamentais trazidos por áreas como o lazer, que por sua via, ajudam no desenvolvimento de competências sociais e promovem a criatividade.

Assim, é possível constatar que, nos últimos anos o Movimento Escutista tem alcançado objetivos, a nível da inclusão.

Em 2018, o CNE, apresenta o projeto “Escutismo para todos” baseado na integração de elementos com necessidades educativas especiais, com o propósito de analisar e delinear as oportunidades educativas destas crianças e o papel do método escutista nas mesmas. Nesta perspetiva, a Junta Regional do Algarve, em 2019, criou uma equipa com o intuito de apoiar a “inclusão de elementos com necessidades educativas especiais”, constituída por três elementos com formação na área. A mesma surge após perceberem que a Junta Regional do Algarve ainda não está preparada para acolher elementos com estas necessidades e que é necessário acontecer uma mudança nesse sentido. Portanto, esta equipa possui como propósito compreender quantas crianças e jovens detêm de necessidades educativas especiais nos diversos Agrupamentos que pertencem à região do Algarve, qual o tipo de necessidade e quais as mudanças a dinamizar para uma Inclusão destas crianças no Movimento (Brazona, 2019). Após esta análise, foi possível compreenderem que há bastantes agrupamentos que não têm acolhido estas crianças/jovens devido à “falta de preparação” para incluir as mesmas. Brazona (2019) confessa que compreende estas decisões, referindo que “é preferível não aceitar a aceitar e não poder fazer nada com elas”. Assim, salientou a importância desta equipa, que surge com o intuito de harmonizar um escutismo, de igual forma, para todos através da adaptação de atividades e da consciencialização dos dirigentes e candidatos a dirigente, bem como, dos elementos, para uma atenção e predisposição para a mudança em diversas componentes, de forma a incluir qualquer criança e jovem independentemente das suas incapacidades considerando que será uma mais-valia para a região e proporcionando aos Agrupamentos um apoio para que não possuam medo de receber estas crianças e de integrá-las, tendo em consideração que o Escutismo é e deverá ser um lugar para todos.

Nesta perspetiva, a nova equipa da Junta Regional de Viseu, eleita em 2024, também deseja um “escutismo mais inclusivo, ativo e dinâmico”, no qual irão trabalhar três objetivos fundamentais – unir, construir e consolidar. Pretendem transmitir aos

escuteiros os melhores valores, proporcionando um “escutismo de qualidade e proximidade”, desenvolvendo competências como empatia e responsabilidade, promovendo o diálogo entre todos os agrupamentos, escuteiros, dirigentes e comunidades para que todos se sintam incluídos e valorizados (Esteves, 2024).

No Movimento Escutista, os pares assumem um papel fundamental no desenvolvimento de competências como trabalhar em equipa. A relação com os pares assegura um contexto essencial no desenvolvimento socioemocional e ajustamento psicológico, influenciando a socialização da criança em áreas de comportamento, personalidade e adaptação (Bierman, 2007).

Segundo Schalock e Verdugo (2003, citado por Vicente 2015), foi desenvolvido um modelo de qualidade de vida que destaca quatro dimensões mais relevantes em relação aos benefícios do lazer: bem-estar emocional, relações interpessoais, autodeterminação e inclusão.

Portanto, é possível identificar que as atividades de lazer possuem um grande impacto na inclusão de crianças com necessidades educativas especiais. O Escutismo, enquanto metodologia de educação não formal, é também considerado uma prática/atividade de lazer, sendo que, também se enquadra numa atividade da sociedade e para a sociedade. É possível concluir diferentes estratégias benéficas presentes no movimento escutista para estas crianças, tais como, o trabalho em equipa, a aprendizagem contínua de forma lúdica, a integração na sociedade, bem como, realização de boas práticas para a sociedade em que se insere.

Não obstante, ainda há muito por desenvolver para uma integração total de todas as crianças que queiram fazer parte do Movimento, para que todas as atividades sejam pensadas no conjunto, mas também no individual de cada um.

A Inclusão deve ser um pilar fundamental nos Escutismo, visto estar presente nos valores do movimento e respetivas Leis. Assim, auxilia as crianças e jovens a tornarem-se cidadãos conscientes e responsáveis pelas suas ações, para que nas respetivas escolas e até mesmo na sociedade, consigam distinguir o certo do errado e, quando necessário, ajudar o próximo e fazer a diferença.

## Capítulo 2 - Método

### 2.1 Desenho do estudo

O presente estudo implementa uma abordagem exploratória, através do uso do método de grupos focais com o objetivo de compreender aprofundadamente a perspectiva dos Dirigentes e Candidatos a Dirigente sobre a inclusão de crianças com necessidades adicionais de apoio no Movimento Escutista.

Desde que os grupos focais foram criados, por Robert K. Merton na década de 1940, têm como propósito uma auscultação aberta aos participantes, regendo-se sempre pela opinião dos mesmos e pelo esclarecimento de dados (Merton et al., 1990). Assim, permitem a discussão entre diferentes experiências e perspectivas, bem como um trabalho colaborativo na elaboração de estratégias para o tema em análise (Patton, 2002). Segundo Liamputtong (2011) para ser considerado grupo focal, o grupo deve ser composto por quatro a quinze participantes, as perguntas devem incitar respostas abertas e a transcrição da mesma sessão serve para uma análise qualitativa. Esta definição de grupo focal é também apoiada por autores como Gomes (2005) e Krueger (1994).

### 2.2 Participantes

Os participantes deste estudo são dirigentes e candidatos a dirigente de diversos Agrupamentos da Região do Porto. O convite para a participação do presente estudo, deu-se através da partilha de uma carta de apresentação enviada, via e-mail, para os e-mails gerais de 118 agrupamentos integrantes da Região do Porto. Dos 118 agrupamentos obtivemos resposta positiva de 14. Dentro dos 14 agrupamentos existiram 37 pessoas que manifestaram interesse em participar nas sessões, mas apenas 31 participaram efetivamente nos grupos focais.

Assim, os três grupos focais contaram com um total de 31 participantes, variando entre 9 e 12 participantes em cada sessão de discussão. Os participantes tinham idades compreendidas entre os 22 anos e os 65 anos, com experiência no

movimento escutista que variava entre 7 e 30 anos. Na sua maioria eram mulheres (n=22).

Os participantes representavam o movimento escutista em vários locais do Porto. No movimento escutista esta divisão é feita pela Região do Porto, Junta Regional do Porto, que se divide em Núcleos e os mesmos, dividem-se em agrupamentos. Assim sendo, neste estudo estiveram presentes 5 Núcleos: Núcleo Litoral (n=7); Núcleo Este (n=1); Núcleo Centro Norte (n=1); Núcleo Cidade do Porto (n=3); Núcleo Douro-Sul (n=1). Para além destes participantes, a Equipa Regional para a Inclusão do Porto também esteve presente com 3 elementos, que se dispersaram pelas três sessões.

### 2.3 Instrumentos

O grupo focal tem como objetivo proporcionar a todos os participantes um espaço de partilha livre. Segundo Gaskell (2010) é um método que estimula o debate aberto, equilibrando oportunidades para os participantes partilharem as suas opiniões e experiências. Deverá ser privilegiado um ambiente seguro para partilha, sem julgamentos e preocupação por parte dos participantes de cooperarem na sessão, permitindo um discurso fluente através de uma discussão informal (Liamputtong, 2011).

Para a condução dos grupos focais, foi necessário a elaboração prévia de um guião orientador com perguntas de resposta aberta para iniciar e orientar diálogo entre os participantes, abordando dois temas principais: 1) entendimento de inclusão e da missão do movimento escutista para a inclusão; 2) fatores a considerar na inclusão de crianças e jovens com necessidades adicionais de suporte no movimento escutista.

O moderador deve implementar um debate focado nos temas pretendidos, um ambiente seguro e agradável para partilha dos participantes, conduzindo sempre que necessário a discussão para a temática pretendida (Gomes, 2005). Assim, à

medida que a discussão ia avançando, as perguntas tornaram-se mais específicas, centrando a atenção dos participantes num só tema.

O moderador deve assumir um papel de orientador, garantindo que todas as opiniões são válidas e que não há respostas corretas ou erradas, encorajando todos a participar na mesma. Deve guiar a discussão de forma conveniente, tendo a capacidade de ouvir e interpretar o que cada participante exprime (Gomes, 2005).

## 2.4 Análise de dados

Após a transcrição das sessões, estas foram lidas e analisadas na íntegra. Inicialmente, a investigadora começou por selecionar excertos que considerou relevantes para o estudo e, com o auxílio da orientadora, foram discutidos e categorizados aglutinando as ideias principais dos participantes em temas e categorias.

Assim, o esquema de categorização surgiu de uma análise indutiva. Para aferir a fiabilidade da análise, a investigadora e a orientadora categorizaram, independentemente, parte das transcrições fazendo, à posteriori, reuniões para discutir desacordos na categorização.

## 2.5 Procedimentos

Inicialmente, a investigadora elaborou uma carta de apresentação, anunciando via e-mail os objetivos e contexto do estudo e os procedimentos a adotar para a realização dos grupos focais. Na carta de apresentação constava a explicação do objetivo e contexto da investigação e dos procedimentos envolvidos na concretização dos grupos focais, nomeadamente a necessidade – mediante autorização – de gravação áudio das sessões.

A data e hora das sessões foi acordada após primeira recolha de disponibilidades dos participantes, procurando manter representatividade de diferentes gerações de dirigentes e de agrupamentos em cada sessão.

Após acordada as datas das sessões os participantes foram adicionados a um grupo no WhatsApp onde a investigadora partilhou mais informações sobre as sessões, tal como, o link de acesso à sessão.

Foram realizadas três sessões de grupos focais, com a participação total de 31 participantes e da investigadora, assumindo um papel de moderadora nas próprias sessões. As mesmas foram realizadas através da plataforma *Zoom*, e, em média, demoraram 1 hora e 30 minutos. No início de cada sessão foi lembrado o objetivo do estudo e solicitada a autorização para a gravação áudio da sessão, bem como para o uso das informações recolhidas para fins da investigação, com compromisso de anonimato de todos os participantes e instituições envolvidas. Os participantes assinaram uma carta de consentimento informado disponibilizada online através do Google forms.

As sessões decorreram no mês de fevereiro de 2025, via online.

As gravações de ecrã e áudio das sessões foram armazenadas no computador da investigadora até ao momento de transcrição e, após o mesmo, eliminadas. As partes transcritas passíveis de identificar o participante ou a criança abordada ou a instituição foram eliminadas para garantir o anonimato.

## Capítulo 3 -Resultados

Do processo de análise de conteúdo identificaram-se 218 unidades de significado distribuídas em torno de três temas principais: (i) entendimento de inclusão; (ii) necessidades e estratégias para a inclusão e (iii) desafios/experiências ao acolher crianças no movimento escutista.

A figura 1 expõe o esquema de categorização que retrata os resultados da análise de conteúdo, apresentando as categorias de cada tema.

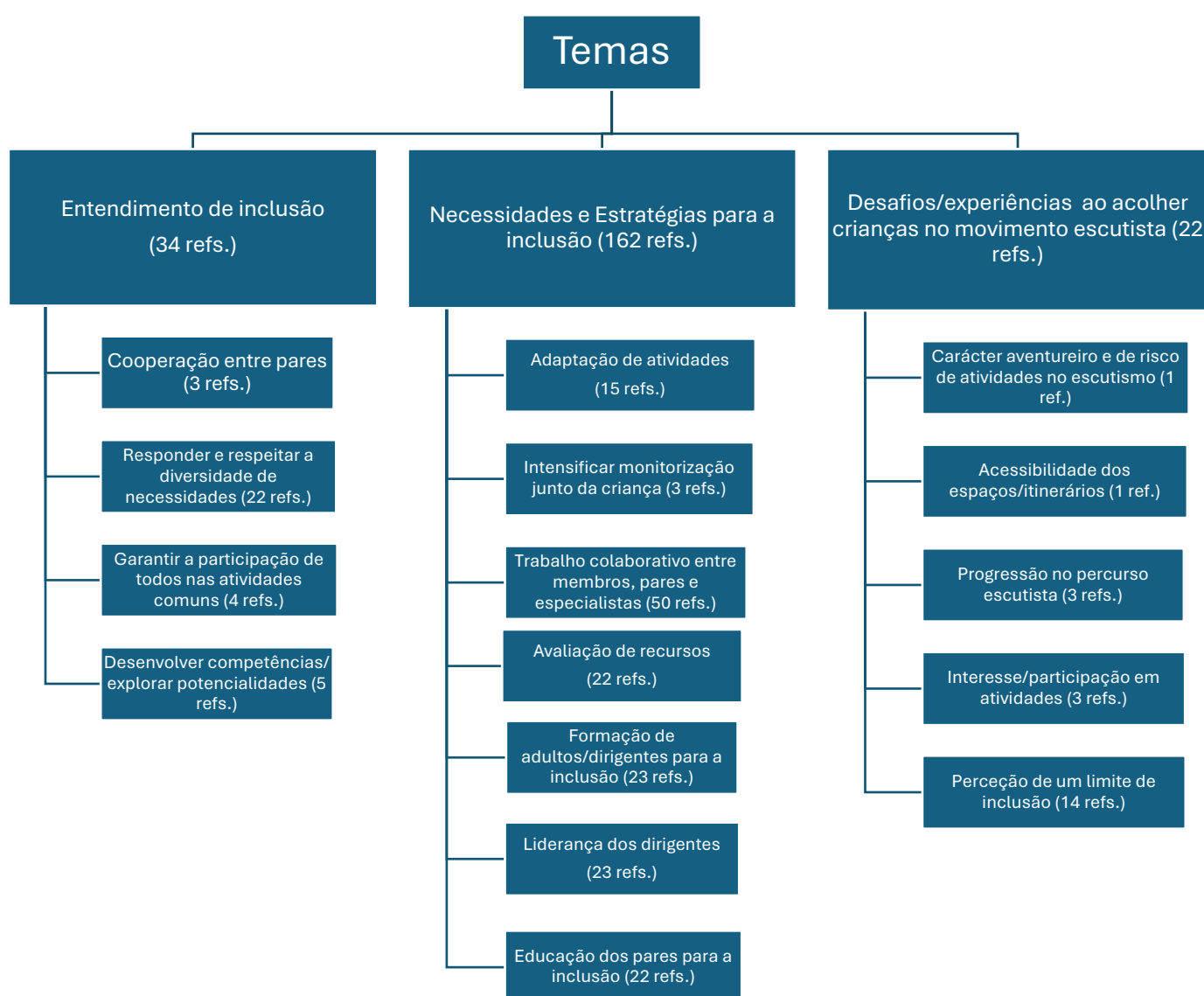


Figura 2- Esquema de Análise

## Tema 1: Entendimento de inclusão

No início de cada sessão, os participantes explicaram como compreendem o conceito de inclusão no contexto escutista.

Neste tema surgiram quatro ideias principais relacionadas com o entendimento de inclusão.

Uma primeira ideia, refere-se ao entendimento de inclusão como um processo de construção da cooperação entre pares, como meio de promoção da equidade: “o que tentamos sempre, efetivamente, é arranjar-lhes formas de estarem todos ao mesmo nível, nem que sejam os outros a elevá-los um bocadinho.” (J.R.). A cooperação entre pares, designadamente o fomento de uma cultura de entreajuda foi mencionada como o processo essencial de inclusão de crianças com necessidades diversas “No escutismo na verdade funciona da mesma forma quando vocês pensam nas equipas ou nas patrulhas ou nos bandos” (T.S.); “Tivemos vários casos, desde autismo a coisas do género, e efetivamente são casos de sucesso porque eles sentem-se iguais aos outros, a ritmos diferentes também” (J.R.).

O “respeito e resposta à diversidade de necessidades”, foi também outra ideia muito presente no discurso dos dirigentes na definição do que entendem ser inclusão. É necessário educar e ter uma resposta para as diversas necessidades que são apresentadas no movimento: “E eu acho que se nós, enquanto grupo, mostrarmos que, apesar das diferenças, todos estamos ali para o mesmo, todos nós tratamos com respeito, não evidenciamos estas diferenças...” (S.P.), “é pô-los no mesmo patamar, arranjar forma que tenham todas as mesmas hipóteses, até porque cada um tem o seu ritmo, é um dos princípios do movimento não é, e acho que aqui, quando eles são integrados e tratados realmente no princípio da equidade, a gente consegue com que eles nem sintam diferenças.” (J.R.). Neste alinhamento, tornou-se também claro no discurso dos dirigentes que as construções de respostas à diversidade ultrapassam a existência de diagnóstico para responder às características e necessidades de cada criança na sua individualidade. Segundo M.M., “E por isso é que existem as fáceis, que era para ser trabalhadas todas as áreas. E da mesma forma com as necessidades de apoio, com miúdos com necessidades

de apoio, que muitas vezes são questões apenas e só psicológicas, do meio familiar, do contexto social em que vivem.” Desse modo, a inclusão foi também descrita como um processo de conhecimento e aproximação a cada criança. De acordo com o P.B., este respeito e resposta só acontece através de “conhecer os elementos, perceber os anseios os medos, o que é que gostam de fazer, o que é que não gostam, os dons e aproveitar essas informações e podemos fazer isso de várias formas ou lidar com o elemento ou falar com os pais como aqui disseram”.

Outra ideia também abordada, foi o entendimento de inclusão como meio de “garantir a participação de todos nas atividades comuns”. O escutismo tem como base o trabalho em equipa, a ideologia “somos um” e, por isso, ninguém fica para trás. Um dos objetivos do escutismo é, portanto, incluir e promover a integração de todos nas atividades, adaptando o necessário para a participação de todos. Essa ideia cruzou-se também com a percepção de que a missão do escutismo para a inclusão é o de “desenvolver competências, explorar potencialidades”. O escutismo como veículo de inclusão através do desenvolvimento de competências pessoas esteve presente no discurso dos dirigentes. Segundo M.M., os escuteiros têm a missão “acima de tudo, acrescentar, fazer e marcar a diferença e dar-lhes as competências necessárias para o desenvolvimento cognitivo e social que eles precisam para que possam vir-se a tornar adultos capazes.”. Neste sentido, um dos grandes objetivos do movimento escutista é ajudar o elemento a encontrar e a desenvolver as suas competências e através das mesmas, educá-los para serem cidadãos ativos e conscientes, proporcionando sempre a autonomia dos mesmos.

## Tema 2: Necessidades e estratégias para a inclusão

Este foi o tema mais extensamente discutido pelos participantes.

Enquanto necessidade e estratégia para a inclusão, os dirigentes destacaram a importância do “trabalho colaborativo”. Em foco esteve a articulação com especialistas e entre dirigentes; a comunicação com os pais e a geral partilha de informação.

Os participantes manifestaram a importância da articulação com especialistas para implementar estratégias e responder às diversas necessidades que enfrentam, mesmo a nível regional, tal como nos indica C.M. “enquanto região, também queremos dar estratégias e tentar ajudar, conhecendo nós os casos, tentar procurar com os especialistas de que forma nós podemos minimizar essas dificuldades que sentimos”. Nesse mesmo sentido os participantes sublinharam que “já tive necessidade de ir buscar informações a outros sítios por exemplo a quem acompanha ou psicólogos ou técnicos porque às vezes os pais também não abrem o jogo todo” (P.B.); “esta questão lá está da sinergia e do contato com pessoas que tenham um domínio maior daquela área e que nos possam dar luz e ajudar a perceber ok esta criança ou esta necessidade, precisa de uma intervenção ou de uma ação de uma determinada maneira...” (T.M.).

Outra ideia debatida foi a comunicação com os pais e como a mesma é fundamental para a integração de todas as crianças no movimento, bem como para tentar responder às diversas necessidades apresentadas. Como explica T.S. “Os pais aqui são fundamentais, como são fundamentais, nós temos que explorar esta relação e torná-la também próxima”. Por outro lado, H.S. expõe que os pais nem sempre colaboram com os dirigentes e que existe, por vezes, uma barreira na comunicação – “temos aqui um caso para resolver, mas é sobretudo com os pais” – A.B. completa esta opinião indicando que “nunca houve um contacto por parte dos pais, para nos dizerem olha a nossa filha tem isto, a nossa filha precisa de X, a nossa filha faz esta medicação regular, que faz, e nós sabemos porque a filha deles nos disse, a nossa filha não pode estar em espaços com muito barulho, porque senão vai ter uma crise, nunca nos foi dito, em momento nenhum”.

Assim, torna-se essencial a aproximação aos pais, tendo sido relatado como boa prática a realização de espaços de reunião ou de conversação com os pais “numa reunião de pais inicial, que, por norma, é feita em todos os agrupamentos ou pelo menos perto das atividades e deixar isto bem claro não nos dirigirmos a ninguém, mas dizer que isto é muito importante, falarem sobre alguma condição de saúde porque pode acontecer alguma coisa e nós temos que estar sobre aviso” (T.S.). O

contacto através de partilha de fotografia foi também destacado com um meio de comunicação e de partilha com os pais “tinha que haver essa confiança porque sem essa confiança as coisas não resultavam, e o que fomos fazendo era por exemplo ele não falava com a mãe... mandava uma fotografia” (A.A.).

Ainda no segmento do “trabalho colaborativo” foram abordadas duas ideias imprescindíveis para o bom funcionamento do trabalho em equipa. Primeiramente a “articulação entre dirigentes” salientando a importância dos diversos agrupamentos estabelecerem contacto e ajudarem-se mutuamente – “Estas redes de proximidade são fundamentais, eu sei que se tiver algum problema deste, eu sei que posso falar com gente de A.S. ou S.M., realmente têm situações do género...” (H.S.). No entanto, H.M. menciona que “isto é um mal não só da nossa região, mas do CNE em geral, os agrupamentos fecham-se a si próprios e acabam por não funcionar em rede...”, afirmando que “se calhar se funcionássemos em rede mesmo que a formação não circule da mesma forma por todos os agrupamentos, mas se calhar tínhamos este apoio e sabíamos que não estávamos sozinhos e conseguíamos ter alguém que nos ajudasse ou alguém que nos tirasse uma dúvida pontual ou existencial...”

Ainda respeito da colaboração foi focada a necessidade de “partilha de informação”. A plataforma SIIE foi referida como um potencial suporte, consistindo em reunir todas as informações sobre os elementos presentes no movimento, sendo assim necessário, para além das informações básicas acerca de cada criança, obter registos médicos e, se for o caso, relatórios específicos sobre a doença e a toma de medicamentos. Segundo M.L. esta plataforma precisa de ser mais completa e permitir a adição de informações mais específicas - “não está preparada para ter essas informações”.

Outra necessidade e estratégia abordada foi a intensificação da monitorização junto da criança. L. considera que esta monitorização é “o dever do dirigente de facto, estar atento a todos eles...” A importância desta supervisão foi sublinhada por H.S., aquando da identificação de alguma limitação ou dificuldade da criança “um dos problemas que ele tinha que ninguém sabia, que se calhar fomos nós que

descobrimos, é que ele não tinha muita noção da profundidade (...) o que nós conseguimos encontrar como solução foi um dos chefes agarrar assim atrás na mochila dele e íamos empurrando mesmo e ele ia por ali abaixo a gente ia segurando, mas fez aquilo impecável veio de lá todo feliz.”

Outra necessidade destacada foi o da “formação de adultos/dirigentes para a inclusão”. A falta de formação foi extensamente destacada pelos dirigentes “concordo que é preciso investir na nossa formação para nos sentirmos mais seguros a lidar com diferentes casos... não só para pessoas com necessidades especiais, mas hoje em dia para diversos tipos de crianças e jovens.” (S.P.)

Esta formação é importante pois “às vezes da melhor vontade não fazem da melhor forma e, na verdade, a melhor vontade não chega nestes casos” (T.S.).

Também a “adaptação de atividades” foi debatida como uma estratégia, desde o momento de preparação à execução: “é apresentar a mesma atividade em diferentes suportes” (T.S.) “face as características daquele elemento como é que esta atividade se pode traduzir para ele... cumprindo na mesma os objetivos da atividade” (A.T.).

A categoria “avaliação dos recursos” assume-se através da compreensão dos participantes sobre o que o escutismo é capaz de proporcionar ou não a estas crianças e a pertinência de transparecer isso à comunidade e a quem procura o movimento como ajuda. Neste sentido, é importante perceber a equipa de dirigentes que cada agrupamento detém e “saber qual é a nossa capacidade como agrupamento de aceitar estes jovens” (C.L.).

Ainda dentro desta categoria é abordado a importância de perceber se enquanto dirigentes conseguem oferecer às crianças que pretendem integrar no movimento tudo o que o mesmo proporciona – “Quando entra qualquer elemento para o nosso agrupamento, independentemente das características, cabe à secção perceber se poderá receber ou não.” (P.B.); “eu tenho adultos suficientes para lidar com o grupo que eu tenho, independentemente de ter necessidades especiais ou não. E depois a pessoa que está do outro lado, qual é o perfil? Que características é que a pessoa tem? É diferente eu receber um lobito, independentemente de ter necessidades especiais ou não, com seis anos acabados de fazer ou com nove anos.” Neste sentido,

os recursos para a acessibilidade física foram abordados sobretudo como uma deficiência dos contextos escutistas pela sua comum ligação a edifícios religiosos antigos “se algum jovem aparecesse de cadeira de rodas no B., nós teríamos que dizer muito abertamente à família que não vai ser possível, porque a nossa sede é muito antiga e não está adaptada.” (C.B.); “podemos querer ser muito integradores, mas há questões físicas e barreiras físicas que às vezes não o permitem”. (C.L.). A análise dos recursos foi destacada como elemento essencial na ponderação sobre se o agrupamento será ou não capaz de mobilizar os apoios necessários a cada jovem: “eu acredito plenamente que nós somos mais expressamente, exclusivos do que inclusivos, se não tivermos a abertura e a franqueza de dizer que nós não temos recursos, que nós não temos competências.” (M.M.).

Outra opinião bastante debatida entre os participantes foi a “liderança dos dirigentes”, na qual se obtiveram conclusões sólidas acerca do papel que o dirigente deve desempenhar nas diversas tarefas que enfrenta dentro do movimento escutista, tal como nos explica C.M. “a partir do momento em que os miúdos entram no movimento e entram na nossa secção nós somos corresponsáveis ok, em termos legais, não podemos virar costas ok...em termos de responsabilidade civil a partir do momento em que essa criança te é confiada tu és responsável por essa criança”. Portanto, o dever do dirigente passa por “ajudar a crescer, apoiar o crescimento e tirar deles o maior potencial que eles podem ter” (A.T.), “obviamente que nós passamos muitas horas com eles e além da responsabilidade civil e da responsabilidade moral, também temos esta vontade de que as coisas funcionem e de ajudar estes jovens a crescer da forma mais integrada e harmoniosa possível” (T.M.)

O movimento escutista tem como premissa básica a interajuda e o trabalho entre pares e, por isso, conversar relativamente à “educação dos pares para a inclusão” é fundamental. Um dos objetivos do escutismo é preparar o elemento para a comunidade, mas também sensibilizá-los e torná-los cidadãos afetuosos e próximos ao outro, tal como explica T.S. “se nós sensibilizarmos os nossos eles vão depois para a comunidade muito mais adeptos não é muito mais inclusivos”, também D.S.

explica “acho que isso os prepara muito para o futuro não só a parte de os tornarmos autónomos mas também esta percepção da realidade que existem pessoas com particularidades... eles sentem essa necessidade de ir ajudar, mas nunca tentar de nenhuma forma atribuir este conceito de responsabilidade”.

Deste modo, é essencial “consciencializar para a diferença e educar para a inclusão”, através do movimento escutista é possível visto que “os nossos valores, do nosso movimento, enfim, toda a nossa forma de estar na vida, acho que fazem do nosso movimento um movimento que parece quase talhado para as diferenças e para realmente integrar jovens com todas as diferenças.” (H.S.) Assim, é importante conseguir reunir o melhor de cada elemento, “irmo-nos adaptando também e percebendo as reais capacidades dos miúdos que temos” (H.S.) afim de fazê-los entender que precisam uns dos outros e que cada um tem algo de bom a acrescentar ao grupo, tal como explica A.B. “temos de colocar os talentos a nosso favor e perceber como é que nós conseguimos tornar úteis as pessoas porque, primeiro, enquanto movimento, ganhamos porque temos pessoas mais úteis, pessoas que estão a ajudar e segundo a própria pessoa, o próprio jovem vai sentir-se útil e isto, finalmente, é o que nós queremos, nós queremos que eles quando saiam deste método de educação não formal... que os jovens saiam daqui úteis para a sociedade, sintam-se úteis.” Ainda nesta percepção, o sistema de patrulhas obtém um papel fundamental – “os miúdos trabalharem em equipa em sede de patrulha... nós ensinamos logo desde o início a trabalhar em equipa, mas os miúdos da patrulha e a seguir da secção são fundamentais e podem ser uma grande ajuda na inclusão desses miúdos.” (F.) – os elementos compreendem que o sistema de patrulhas os ajuda a obter melhores resultados e a apoiar o outro “para obtermos melhores resultados têm que ser os pares ok é como no sistema de patrulha se for o guia a falar tem um peso, se for o dirigente a dizer já tem outro, portanto de facto os pares são uns aliados que nós temos” (C.M.)

### Tema 3: Desafios/Experiências ao acolher estas crianças no movimento

Os desafios e experiências decorridas dos processos de inclusão no movimento escutista foram também abordados pelos participantes designadamente quanto ao “Carácter aventureiro e de risco das atividades no escutismo”; “Acessibilidade dos espaços/itinerários”, “Progressão no percurso escutista”; “Interesse/participação em atividades” e “Perceção de um limite para a inclusão”.

A respeito da ideia “Perceção de um limite para a inclusão” os participantes referiram de um modo muito próximo da importância da avaliação de recursos - que a inclusão também acontece quando reconhecem que não têm competências para integrar estas crianças. Segundo M.M. “temos de ser conscientes daquilo que conseguimos ou não conseguimos fazer”, em conformidade M.L. expressa “Acredito que, para ser escuteiro e para se fazer esta questão do escutismo, também devia existir aqui...um conceito de o que é que é possível fazer e o que é que não é possível fazer”. E, portanto, está sempre de um modo latente no discurso a ideia de que a inclusão nem sempre é possível no contexto escutista e que isso se articula com as condições existentes.

Neste entendimento, foi ainda referido que, por vezes, a inclusão chega mesmo a ter um “limite”, isto é, deixa de ser realizável dependendo das circunstâncias – “tínhamos a oportunidade de ir visitar um agrupamento que tem vários workshops, mas a sede desse agrupamento não tem condições para receber uma menina de cadeira de rodas, ou seja, a inclusão ficou a metade...” (D.S.)

O “Carácter aventureiro e de risco das atividades no escutismo” e a “Acessibilidade dos espaços/itinerários” são duas ideias abordadas neste terceiro tema que, de certa forma, se correlacionam. No movimento escutista existem certas atividades que são fundamentais para realizar em grupo e, por vezes, a inclusão fica a considerar, tal como explica M.L. “a questões do raid, em que muitas das vezes falamos de um escutismo inclusivo, mas ninguém se lembra dos miúdos que não estão preparados para fazer esses raids”, sendo que, às vezes, acabam por ir numa carrinha até ao ponto de chegada, não percorrendo e usufruindo do raid como os restantes pares. Neste sentido, a acessibilidade dos espaços surge como algo imprescindível para o

movimento ser inclusivo, M.L. prossegue apresentando um exemplo nacional “o nosso campo do Idanha à Nova, que aquilo de inclusivo não tem nada, se tivéssemos alguém invisual, de cadeira de rodas, de muletas, não é um campo que esteja preparado para receber qualquer tipo de escuteiro nessa condição.”

Por outro lado, ainda dentro deste tema, é debatido a “Progressão no percurso escutista”, que possibilitou aos participantes apresentarem as conquistas dos seus elementos - “foi um elemento que, é verdade que no início deu muitíssimo trabalho, ele tinha crises psicóticas, nunca pôs em causa a integridade física dele, a nossa e a dos pares, portanto isso estava salvaguardado e foi evoluindo, com o passar do tempo foi evoluindo, hoje está na faculdade, é um cidadão ativo, proativo, quer sempre investir em mais formação, em aumentar os conhecimentos dele...e acho que este crescimento deve muito ao que viveu connosco nos escuteiros...” mas também, tal como A.T. refere “Nós temos miúdos que na primeira secção até eram completamente tranquilos e depois fruto do desenvolvimento tornaram-se de facto um desafio muito grande para as outras secções...”

O “Interesse e participação em atividades” foi também discutido dentro desta temática, sendo que os elementos com certas especificidades demonstram mais interesse e proveito em atividades práticas, como jogos, do que atividades mais teóricas - “quando vamos fazer os jogos ele está 100% disponível e está interessado e quer participar quando vamos fazer mais a parte técnica quando vamos querer mostrar o que é o escutismo o que é que nós fazemos aí já noto realmente que ele fica mais retraído, não participa tanto” (A.) É portanto fundamental transpor a estes elementos o sentido de presença e utilidade, tal como expõe J.R. “fazer com que aquele elemento participe, esteja ativo, isto também tem que ser aproveitado muitas vezes porque pronto naquelas idades há muito essa necessidade de os pôr a cooperar”, os próprios pares devem adotar esta estratégia, considerando que o elemento em questão trabalha bem com objetivos definidos e com um sentido de utilidade, J.R. confessa que utiliza esse método e que resulta com os seus elementos - “esse elemento parece que se transforma passa a ser aquele que acompanha e se conseguirmos transmitir isto a um bando, uma patrulha ou uma equipa que aquele

elemento é um elemento que faz parte e que acaba por ser quase um objetivo da equipa funcionar em conjunto e todos têm que estar a um nível parecido, eles fazem isso e temos tido honestamente resultados muito bons.”

## Capítulo 4 - Discussão

No presente estudo procuramos compreender de que forma as crianças com necessidades de apoio são incluídas no Movimento Escutista, pretendendo identificar boas práticas e desafios, através da perspetiva dos dirigentes e candidatos a dirigente do Movimento.

De acordo com os participantes, a inclusão significa sobretudo criar condições para que esteja presente equidade, reconhecendo os diferentes perfis e necessidades das crianças, e ajustando as atividades e o estilo de vivências em conformidade. Outra evidência que parece associada à natureza do movimento escutista, é a íntima relação entre a inclusão e o trabalho em equipa e a cooperação entre pares que assumem um papel fundamental na persecução da equidade no dia-a-dia do Movimento.

Fica claro que este processo pró-inclusão resulta de um planeamento de atividades concebidas para todos os elementos e para serem realizadas numa lógica de grupo - cooperando para atingir os mesmos objetivos. Esta é aliás a visão de outros movimentos escutistas internacionais, como a Organização de Escuteiros de Inglaterra (n.d.) que nos diz que “deve-se realizar atividades que sejam acessíveis a toda a secção, em vez de alterar os requisitos para uma única pessoa, para que ela não se sinta excluída.”

A cultura de interajuda é de facto um elemento marcante e transversal no discurso dos dirigentes relacionando-se com a identidade do escuteiro. Assim, está presente na perspetiva educativa do Movimento Escutista a promoção do auxílio entre pares e do trabalho em equipa. O comportamento dos mesmos, para além das ferramentas que o Movimento proporciona, é um dos fatores essenciais para a integração das crianças e jovens que precisem de apoios adicionais.

O conhecimento prévio da criança e das suas necessidades foi sublinhado como requisito essencial para preparar esse processo de inclusão, cabendo aos Dirigentes e Candidatos a Dirigente a realização dessa preparação, ficando encarregues de

aprofundar o seu conhecimento sobre a necessidade presente de modo a posteriormente envolver todo o grupo na resposta e no apoio à criança.

Esta consciencialização do grupo para as necessidades do outro, é também destacado em outros documentos de referência como é o guia de boas práticas realizado pela entidade americana de escuteiros (2018, p. 3), “antes de um escuteiro com necessidades se juntar a um agrupamento, o dirigente desse agrupamento deve explicar aos membros do agrupamento, com autorização dos pais, a necessidade que a criança possui, o tratamento e reações que possam despoletar da parte da criança.”

No Escutismo, deseja-se que as crianças e jovens conquistem respeito mútuo, conhecendo-se uns aos outros e compreendendo cada um perante as suas necessidades e contextos. A relação entre os pares é fundamental para o desenvolvimento socio emocional e psicológico da criança, adquirindo um papel essencial na socialização da criança relativamente ao comportamento, personalidade e adaptação, pois promove oportunidades de brincadeira e cooperação entre estes (Bierman, 2007). Esta afirmação ou convicção da importância dos pares esteve sempre presente no discurso dos dirigentes. A referência à interajuda, mas também às estratégias específicas como realizar um processo de conhecimento e aproximação a cada criança, bem como garantir e promover a participação de todos nas atividades comuns refletiram essa ideia de que a inclusão depende de uma ação intencional dos pares para compreender, apoiar e cooperar com o outro.

Há nas palavras dos dirigentes um caminho já percorrido no sentido de promover a equidade, com a implementação estabelecida de estratégias e práticas descritas como bem-sucedidas, nomeadamente a adaptação de atividades, a intensificação da monitorização da criança e a educação dos pares para a inclusão são pontos fulcrais para a inclusão acontecer.

Através do presente estudo, foi possível concluir que outra boa prática inserida no Movimento é a realização de espaços de reunião, desenvolvendo uma boa comunicação entre pais e dirigentes/agrupamento. A participação dos pais nas

atividades dos elementos, foi um dos grandes temas de discussão deste estudo, visto que, os participantes consideraram que os pais são um dos motores para que esta inclusão aconteça. Os dirigentes devem promover uma relação saudável com os pais e, se julgarem necessário, incluí-los em certas atividades para o bem-estar da criança/jovem. Pretende-se que haja uma concordância para o bem-estar dos elementos, sendo que, a ajuda dos pais é fundamental para que os Dirigentes compreendam melhor a necessidade da criança e a personalidade da mesma, bem como, a cooperação dos Dirigentes para a integração da mesma no Movimento é essencial, visto que, o Dirigente desempenha o papel de exemplo para as crianças e jovens no Escutismo.

O Escutismo, como um dos seus princípios base, pretende desenvolver cidadãos ativos e responsáveis na comunidade onde se encontram inseridos. Este princípio não se altera quando falamos de crianças ou jovens com necessidades adicionais.

Tal como é explicado no PIP (n.d.) “o CNE procura encontrar as condições mais adequadas para responder de forma eficaz às necessidades educativas especiais das crianças e jovens que manifestem, no contexto próprio do movimento, tendo em conta a responsabilidade educativa para com os seus membros. “

Assim sendo, os Dirigentes e Candidatos a Dirigente, através das atividades que planeiam juntamente com os elementos – com uma construção de objetivos gerais e específicos -, tencionam proporcionar um sentido de utilidade e de presença para todos.

Perante a análise de conteúdos realizada, é possível concluir que os Dirigentes e Candidatos a Dirigente reconhecem que existem alguns obstáculos relativamente à integração destas crianças no Movimento. Durante as sessões de grupos focais, surgiu com frequência a perceção de que nem sempre a inclusão é possível, traçando de um certo modo “limites de inclusão”, determinadas pela ausência de condições suficientes. Essas condições referiram-se com frequência ao número de elementos, ao espaço físico onde se realizam as atividades, e ao número efetivo de Dirigentes e Candidatos a Dirigente por secção.

Segundo Rodrigues (2007) entendemos que a inclusão pode ser complexa pois depende de muitos fatores, que podem implicar o seu avanço ou retrocesso. Existem, de facto, inúmeros fatores que condicionem, mas também que promovem a inclusão dentro do Movimento Escutista. A comunicação com os pais e a partilha de informação sobre os elementos, a formação dos Dirigentes para a inclusão, o trabalho colaborativo quer entre Dirigentes quer com outros profissionais de saúde, foram algumas das necessidades mencionadas ao longo dos grupos de discussão. Estas já haviam sido descritas por um guia de introdução a trabalhar com escuteiros com necessidades especiais pela Entidade Americana de Escuteiros (2018, p.3) no qual explicam que “Entre a unidade de liderança/dirigentes e os pais do escuteiro com necessidades especiais deve existir uma compreensão clara e aberta”. Tal como referido pelos participantes nas sessões de discussão, não é obrigatório os Dirigentes possuírem habilitações nesta área, visto que, são adultos voluntários de diversas áreas que se juntam por terem valores e gostos em comum, pensando no bem comum das crianças para quem atuam. Nesse mesmo guia da Entidade Americana de Escuteiros explicam também que a maior parte das unidades de escuteiros não possuem Dirigentes com especialidade em trabalhar com escuteiros com necessidades e, por isso, um dos pais pode ser solicitado a participar em atividades, especialmente, que requerem esforço físico, ou atividades que se estendam durante um longo período – dormir fora de casa, p.e. Neste sentido, os Dirigentes e Candidatos a Dirigente concluíram que a comunicação com os pais é essencial para um melhor aproveitamento do elemento no movimento escutista, sendo que, se considerarem necessário, a intervenção dos pais pode vir a ser precisa, em atividades que requeiram mais do elemento e que compreendam que o mesmo carece desse apoio providenciado pelos pais.

Após a análise deste estudo, ficam ainda por explorar outras linhas interventivas como a liderança dos dirigentes e a sua formação quanto à inclusão destas crianças dentro do próprio movimento, considerando que, no CNE ainda é algo pouco explorado e trabalhado para a enorme carência sentida pelos Dirigentes e respetivos Agrupamentos.

A acessibilidade dos espaços é também um tópico fundamental que fica por investigar, visto que, as sedes são, na sua maioria, espaços muito antigos e o CNE não tem meios para reestruturar todos os espaços. De acordo com o debate dos participantes, o que deveria ser reestruturado com mais “urgência” são os espaços nacionais, como por exemplo o campo nacional de Idanha-a-Nova, onde são realizadas a maioria das atividades nacionais e internacionais e que não apresentam condições de acessibilidade.

## Conclusão

O presente estudo pretendeu compreender o papel do Movimento Escutista na inclusão de crianças com necessidades adicionais de suporte, procurando responder às seguintes questões: (I) quais são as experiências e perspetivas (incluindo iniciativas, programas e estratégias já implementadas) dos Dirigentes do Movimento Escutista em Portugal sobre as práticas de inclusão no escutismo; (II) quais são as abordagens e estratégias chave para uma cultura e prática inclusiva no Escutismo; e (iii) que necessidades estão por responder para promover, de um modo sustentável, praticas inclusivas no escutismo.

Ao longo do presente estudo, foram sendo reforçadas orientações já presentes na literatura, principalmente, a nível internacional. Na sua maioria, estas orientações abordam adaptações para crianças e jovens com necessidades adicionais, esclarecendo que, cada atividade deve ser planeada e adaptada para que estas crianças consigam participar.

Estas orientações referem também a importância que os pais possuem na inclusão destas crianças e jovens – sendo fulcral o seu envolvimento no planeamento e dinamização das atividades. Outra conclusão fundamental que resulta deste estudo, é o papel do trabalho de equipa na promoção da integração e inclusão destas crianças. O trabalho em equipa foi destacado como um dos principais fundamentos do Escutismo, onde a sua missão visa o desenvolvimento de cidadãos conscientes do mundo e próximos do outro. A consciencialização dos pares para a diferença é uma mais-valia que deve ser generalizada para a sociedade onde estão inseridos, quer seja na escola ou em casa.

Os participantes acreditam que o Movimento deve progredir, designadamente quanto à preparação e conhecimento dos adultos para integrarem as crianças e jovens da melhor forma.

Para futuros estudos considero que seria interessante, agrupar toda a informação e testemunhos de Dirigentes e Candidatos a Dirigente e criar um guião de boas práticas no Movimento Escutista, sendo que o mesmo teria toda a informação

conceptual importante para compreenderem o tema, a descrição do Movimento Escutista enquanto metodologia de educação não-formal e a Inclusão no Movimento como fator fundamental para a vida social destas crianças e jovens, apresentando os desafios, mas também as estratégias praticadas pelos Dirigentes.

## Referências Bibliográficas

Barcelos, M. (2016). *Escutismo é Educação*. Lisboa. Corpo Nacional de Escutas.

Bierman, K. (2007). *Peer Rejection – Developmental Processes and Intervention Strategies*. The Guilford Press.

Boy Scouts of America. (2018). *Introduction to working with Scouts with Special Needs and Disabilities*. <https://www.scouting.org/resources/disabilities-awareness/>

Brazona, V. (2019). *Junta Regional do CNE cria equipa para inclusão de escuteiros com necessidades especiais*. Folha do Domingo. <https://folhadodomingo.pt/junta-regional-do-cne-cria-equipa-para-inclusao-de-escuteiros-com-necessidades-especiais/>

Canário, R. (2006). *Aprender sem ser ensinado: a importância estratégica da educação não formal*. Em L. C. Lima, J. A. Pacheco, M. Esteves, & R. Canário, *A Educação em Portugal (1986-2006). Alguns contributos de investigação*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, pp. 195-247.

Dall’Agnol, C. & Trench, M. (1999), *Grupos focais como estratégia metodológica em pesquisas na enfermagem*. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 20 (1), pp. 5-25.

Esteves, P. (2024) *Nova Equipa da Junta Regional de Viseu quer “um escutismo mais inclusivo, ativo e dinâmico.”* Viseu. Centro TV, Notícias Sapo. <https://sapo.pt/artigo/nova-equipa-da-junta-regional-de-viseu-quer-um-escutismo-mais-inclusivo-ativo-e-dinamico-68b2d4fc34aef4aa99bed391>

Escutas, C.N. (n.d.) *Posicionamento Institucional e Pedagógico do Corpo Nacional de Escutas - Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas – Escutismo Católico Português.

Escutas, C.N. (2011). *Projeto educativo – manual do dirigente*. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas - Escutismo Católico Português.

Espada, C.M. (2015). O trabalho de projeto no jardim de infância. Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Beja.

European Commission, Directorate-General for Education, Youth, Sport and Culture. (2019). *From social inclusion to social cohesion: the role of culture policy*. Publications Office. <https://www.european-agency.org/resources/glossary/social-inclusion>

Europe Region of the World Association of Girl Guides and Girl Scouts (2004). *The beyond barriers tool kit*. A joint project of the Europe Region WAGGGS and the European Scout Region.

Gaskell, G. (2010). Entrevistas individuais e grupais. Em M. Bauer e G. Gaskell (orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. pp.64-89. Petrópolis, Editora Vozes.

Gohn, M. (2006). *Educação não-formal: participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*. Ensaio: avaliação de políticas públicas da Educação, 14 (50), pp. 27-38

Gomes, A. (2005). *Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal*. EccoS Revista Científica, 7 (2), pp. 275-290.

Gonçalves, E. (2009). *A Organização Escolar e a Inclusão dos alunos com Necessidades Educativas Especiais: Princípios e Práticas de um Agrupamento de Escolas do Distrito de Braga*. Tese de Mestrado em Educação - Área de especialização em Organizações Educativas e Administração Educacional, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

Krueger, R. A. (1994). *Focus Groups: A Practical Guide for Applied Research*. (2nd ed.). Sage.

Ladd, G., Herald, S. & Andrews, R. (2006). Young Children's Peer Relations and Social Competence. Em B. Spodek & O. Saracho (Eds). *Handbook of Research on the Education of Young Children*. (2ª Edição). LEA Publishers.

Liamputtong, P. (2011). *Focus group methodology. Principles and practice*. Sage Publications.

Lindsay, S., & Munson, M. R. (2018). *Mentoring for youth with disabilities*. National Mentoring Resource Center Population Review. University of Toronto and New York University.

Madariaga, A. (2011). *Los Servicios de Ocio de las Asociaciones de Discapacidad. Análisis de la Realidad y propuesta de recorrido hacia la inclusión*. Bilbao: Universidad de Deusto.

McConkey, R. (2006). Variations in the social inclusion of people with intellectual disabilities in supported living schemes and resident settings. *Journal of Intellectual Disability Research*, 51, 207-217.

Merton, R. et al. (1990). *The focused interview. A manual of problems and procedures*. The Free Press.

Morgan, D. (1996). *Focus groups*. *Annual Review of sociology*, 22, 129-152.

Oliveira, V. M. & Navega, F. (2017). *Relatório Nacional sobre a implementação da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*, por ocasião da Apresentação Nacional Voluntária no Fórum Político de Alto Nível das Nações Unidas. Portugal. Ministério dos Negócios Estrangeiros.

O'Rourke A., Grey I.M., Fuller R. & McClean B. (2004). Satisfaction with living arrangements of older adults with intellectual disability: service users and carers views. *Journal of Learning Disabilities*, 8, pp. 12-29.

Patton, M. (2002). *Qualitative research and evaluation methods*. Thousand Oaks, Sage Publications.

Pereira, C. A. (2015) *Um Nobre Escuteiro*. Flor de Lis, citado por Ana Silva. <https://flordelis.escutismo.pt/um-nobre-escuteiro/>

Pereira, C. A. (2021) Escutismo, um Instrumento para o Desenvolvimento da Paz. *Correio do Minho*. <https://correiodominho.pt/cronicas/escutismo-um-instrumento-para-o-desenvolvimento-da-paz/12978>

Powell, R. B. (2007) *Scouting for boys: The original 1908 edition* (p.24). Dover Publications.

Powell, R. B. (2011). *Auxiliar do chefe-escuta: Guia dos chefes sobre a pedagogia escutista*. Tradução portuguesa do Dr. José Francisco dos Santos. Edições Flor de Lis para Associação dos Escuteiros de Portugal e Corpo Nacional de Escutas.

Reis, J. V. (2007). *Uma história de factos*. 1ª ed. Corpo Nacional de Escutas.

Reis, M. (2013) *O livro dos escuteiros*. Leya.

Rodrigues, D. (2007). *Investigação em educação inclusiva* (Vol. 2). Fórum de Estudos de Educação Inclusiva.

Ruquoy, D. (1995). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. Em Alabarello, L. et al. *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais* (pp.84-116). Gradiva.

Sagoe, D. (2012). Precincts and prospects in the use of focus groups in social and behavioral science research. *The Qualitative Report*, 17 (29), 1-16.

Secretaria Nacional Pedagógica. (2015). *Adultos no Escutismo*. Corpo Nacional de Escutas.

Sousa, A. C. Q., & Mesquita, E. (2016). *A importância da metodologia de trabalho de projeto na aprendizagem das crianças*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Educação e Ciências. Lisboa

The Scout Association. (n.d.). Making changes to activities, badges and awards. <https://www.scouts.org.uk/volunteers/equity-diversity-and-inclusion/>

United Nations. (2016). *Leaving no one behind: the imperative of inclusive development*. Report on the world social situation. Department of Economic and Social Affairs.

Vasconcelos, T., Rocha, C., Loureiro, C., Castro, J., Menau, J., Sousa, O., Hortas, M. J., Ramos, M., Ferreira, N., Melo, N., Rodrigues, P. F., Mil-Homens, P., Fernandes, S. R., & Alves, S. (2012). *Trabalho por Projectos na Educação de Infância: Mapear Aprendizagens, Integrar Metodologias*. Ministério da Educação e Ciência.

Vicente, A. C. (2004). *A introdução do escutismo em portugal*. Revista Lusitania Sacra, 2ª série, 16, 203-245.

Vicente, P. (2015). *El Ocio en las Personas con Discapacidad Intelectual, um Acercamiento al Ocio Inclusivo*. Facultad de Medicina. Universidad de Murcia.

World Organization of the Scout Movement. (2019). *The Scout Method*.

World Organization of the Scout Movement. (n.d.) *Diversity and inclusion*.

<https://www.scout.org/what-we-do/young-people-and-communities/diversity-and->

[0](#)

# Anexos

## Anexo I – Carta de Apresentação

### Carta de Apresentação

Eu, Mariana de Castro Costa Póvoa, frequento o 2º ano do Mestrado em Educação Especial: Multideficiência e Problemas de Cognição na Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto, proponho-me a desenvolver uma investigação relacionada com a Inclusão de crianças e jovens com necessidades de apoio no Movimento Escutista.

O Movimento Escutista tem tido um papel muito relevante na preparação para a cidadania ativa e inclusão social de todas as crianças e jovens. É também caracterizado por uma cultura de interajuda, cooperação, sensibilidade afetiva, autoconhecimento e solidariedade. Num quadro de inclusão social, são cada vez mais as crianças e jovens com necessidades diversas – incluindo com deficiência e incapacidade - a ingressar e a participar no Movimento Escutista. Torna-se, por isso, fundamental conhecer e sistematizar as melhores práticas no apoio ao acolhimento e inclusão destas crianças/jovens no seio das atividades escutistas.

Nesse sentido, com este trabalho de investigação pretende-se desenvolver um guião de boas práticas para o acolhimento e inclusão de crianças/jovens com necessidades adicionais – decorrentes de situações de deficiência e incapacidade - para o escutismo.

Para isso, convido todos os Dirigentes e candidatos a Dirigente a participar numa discussão sobre esta temática. A sessão dar-se-á via online e não tomará mais do que 90 minutos. Dado que pretendemos colher as vossas experiências, conhecimento e perspetivas para construir um guião de boas práticas, pedimos a V/ autorização para que esta sessão seja gravada de modo que depois possa ser analisada. Todos os conteúdos serão usados exclusivamente para esta investigação e todos os dados serão anonimizados relativamente às pessoas e instituições/agrupamentos envolvidos. Após a criação do guião, o mesmo será enviado para a validação de todos os participantes.

Esta sessão de discussão será agendada em função da vossa conveniência e em regime online, entre os dias 10,11 e 12 de fevereiro.

Para qualquer dúvida e/ou esclarecimento,  
Mariana Póvoa,

## Consentimento Livre e Informado - Sessões de discussão: A Inclusão no Escutismo

Por favor, leia atentamente as informações que se seguem. Se considerar que algo está incorreto ou pouco claro, não hesite em pedir mais informações. Se estiver de acordo com a proposta que lhe é apresentada, por favor assine o presente documento.

**Título do estudo:** A Inclusão de crianças e jovens com necessidades de apoio no Movimento Escutista.

**Contexto:** O Movimento Escutista tem tido um papel muito relevante na preparação para a cidadania ativa e inclusão social de todas as crianças e jovens. É também caracterizado por uma cultura de interajuda, cooperação, sensibilidade afetiva, autoconhecimento e solidariedade. Num quadro de inclusão social, são cada vez mais as crianças e jovens com necessidades diversas – incluindo com deficiência e incapacidade - a ingressar e a participar no Movimento Escutista. Torna-se, por isso, fundamental conhecer e sistematizar as melhores práticas no apoio ao acolhimento e inclusão desta crianças/jovens no seio das atividades escutistas.

**Explicação do estudo:** Com este trabalho de investigação pretende-se desenvolver um guião de boas práticas para o acolhimento e inclusão de crianças/jovens com necessidades adicionais – decorrentes de situações de deficiência e incapacidade - para o escutismo.

Para sabermos mais sobre esta temática e também a opinião de Dirigentes e candidatos a Dirigente sobre diversas componentes, convidamo-lo a participar em sessões de discussão que permitirão identificar condições/estratégias importantes para constatar no guião de boas práticas.

Dado que pretendemos colher as vossas experiências, conhecimento e perspetivas para construir um guião de boas práticas, pedimos a V/ autorização para que esta sessão seja gravada de modo que depois possa ser analisada.

**Confidencialidade e anonimato:** Será garantido o anonimato, a confidencialidade e o uso exclusivo dos dados para o presente estudo. Para mais esclarecimentos, não hesite em entrar em contacto com o investigador responsável.

Obrigada.  
Mariana Póvoa

---

\* Indica uma pergunta obrigatória

1. *1. Declaro que li e compreendi este documento, assim como as informações verbais fornecidas pela pessoa que assina acima. Foi-me garantida a possibilidade de recusar a participação neste estudo a qualquer momento, sem qualquer consequência. Portanto, concordo com a minha participação no estudo, com a garantia de confidencialidade e anonimato fornecida pelo investigador.*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

2. *2. Autorizo a gravação das sessões de discussão, tendo-me sido garantido que a sua utilização é apenas para efeitos deste estudo, estando também garantida a anonimização de todos os dados.*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

## Anexo III – Guião Grupos focais

### Guião grupo de discussão

1. A inclusão é um termo muito usado e às vezes com entendimentos diferentes. Queríamos começar precisamente por perguntar o que entendem por inclusão e em específico a inclusão de pessoas com deficiência?
2. Na vossa opinião que papel tem o movimento escutista para uma sociedade mais inclusiva?
3. Poderão dar exemplos de como o escutismo pode contribuir para a inclusão de pessoas com deficiência?
4. No caso do vosso Agrupamento/Secção, que experiências e desafios já tiveram no acolhimento e integração de crianças/ jovens com deficiências?
5. Poderão partilhar exemplos concretos de experiências que já tenham tido?
  - a. Já receberam escuteiros com diversidade funcional/ deficiência?
  - b. Que estratégias/abordagens usaram/ ou poderiam usar e que desafios encontram?
6. Algumas organizações de referência do escutismo têm protocolos/guiões orientadores sobre como apoiar a integração e participação de escuteiros com deficiência. Esses guiões referem, por exemplo, modificações nas instalações e acessos (criação de rampas, alargamento de portas, reorganização de prateleiras/móveis), participação dos pais e de alguns profissionais de apoio, a mentoria/ apoio entre pares, o uso de estratégias de comunicação, entre outros.
7. Proponho que abordemos primeiro de um modo geral que boas práticas destacaríamos no meio escutista para o acolhimento e inclusão destas crianças/jovens?
8. Na relação com os pais e eventualmente com os profissionais de apoio, o que consideram ser boas práticas?
9. Na promoção da relação entre pares, o que consideram ser boas práticas?
10. Na promoção da acessibilidade física, que boas práticas destacaríamos?
11. Na mediação/promoção da comunicação, que estratégias/apoios destacaríamos?
  - a. O Movimento Escutista e as suas organizações/equipas proporcionam uma rede de apoio consistente para os Dirigentes e respetivos Agrupamentos relativamente à inclusão de crianças/jovens com necessidades especiais? Se sim, quais as estratégias utilizadas pelas mesmas para reforçar os Dirigentes de conhecimento sobre esta temática?

b. Que estratégias ou políticas de grupo pensam ser importantes implementar?

12. Qual o caminho que o Escutismo deve ainda percorrer para ser mais inclusivo?

## Anexo IV – Tabela de análise de conteúdos

Tema	Categoria	Subcategorias	Unidades de Significado
Entendimento da inclusão	Cooperação entre pares  (definem a inclusão como uma relação de cooperação e interajuda entre pessoas)	Cultura de cooperação em geral	<p>“e o que tentamos sempre, efetivamente, é arranjar-lhes formas de estarem todos ao mesmo nível, nem que sejam os outros a elevá-los um bocadinho.” (J.R.)</p> <p>“Os ditos normais, pá, também uns são melhores psicologicamente, em termos intelectuais, outros em termos físicos, mas acho que aqui o termo equidade é aquele que nos tem levado a alguns sucessos, se é que eu posso dizer.” (J.R.)</p> <p>“esta entreatajuda entre pares também é fundamental, nas escolas é isso que nós temos também nas escolas por norma onde é que estes meninos...onde é que se sentam? ao lado de um colega, que possa servir de modelo. No escutismo na verdade funciona da mesma forma quando vocês pensam nas equipas ou nas patrulhas ou nos bandos não fazem também assim esta seleção sabendo antemão que existe um diagnóstico não fazemos isto?” (T.S.)</p>
	Responder e respeitar a diversidade de necessidades  (há uma diversidade grande de		<p>“é pô-los no mesmo patamar, arranjar forma que tenham todas as mesmas hipóteses, até porque cada um tem o seu ritmo, é um dos princípios do movimento não é, e acho que aqui, quando eles são integrados e tratados realmente no princípio da equidade, a gente consegue com que eles nem se sintam diferenças.” (J.R.)</p>

	<p>necessidades e de backgrounds que se tem de respondem e que inclui e vai alem da deficiência e incapacidade)</p>	<p>“Tivemos vários casos, desde autismo a coisas do género, e efetivamente são casos de sucesso porque eles sentem-se iguais aos outros, a ritmos diferentes também” (J.R.)</p> <p>“porque mesmo digamos, aquelas pessoas normais, também não é uma palavra que eu gosto de usar, muitas das vezes não se adequam, porque cada vez mais temos tido meninos com crises de ansiedade, que não é uma necessidade tão especial, mas têm sido mais especial do que, se calhar, um autista. Pronto, e acaba por ser aqui também difícil de tratar e de lidar.” (M.L.)</p> <p>“Em relação ao escutismo, eu acho que nós podemos dar alguma solução dependendo do diagnóstico que a criança tiver. Certo?” (C.M.)</p> <p>“E por isso é que existem as fáceis, que era para ser trabalhadas todas as áreas. E da mesma forma com as necessidades de apoio, com miúdos com necessidades de apoio, que muitas vezes são questões apenas e só psicológicas, do meio familiar, do contexto social em que vivem.” (M.M.)</p> <p>“É fundamental para os outros jovens, crianças, habituarem-se desde cedo a que existem pessoas diferentes, com necessidades diferentes e com uma forma de estar diferente. E, portanto, a inclusão aqui acho que para mim funciona também nos dois sentidos.” (H.S.)</p> <p>“Depois, claro, devido à especificidade do elemento, se tiver necessidades</p>
--	---	--

		<p>especiais, nós também temos que equacionar essa questão, se temos condições para fazer escutismo e proporcionar uma boa experiência, quer ao elemento que pretende entrar, quer ao grupo, mas depois aí já vou na linha do chefe H., que pode ser enriquecedor, quer para quem entra, quer para quem está, como é para todos os jovens que acolhemos no escutismo.” (P.B.)</p> <p>“E eu acho que nós devemos ser os primeiros a deitar as barreiras que existem e olhar para a diferença como isso mesmo, como uma diferença, e não como algo que pode ser visto como sendo benéfico para todos. E eu sou diferente de ti, Mariana, sou diferente da P., sou diferente de toda a gente. Todos nós temos as nossas diferenças, as nossas semelhanças. E eu acho que enquanto movimento de jovens, se formos os primeiros a mostrar que acolhemos, que os jovens sabem lidar com este tipo de pessoas, com necessidades especiais, e é possível fazê-lo, que é possível eles também se sentirem assim incluídos, integrados num grupo, as coisas funcionam de outra forma” (S.P.)</p> <p>“E eu acho que se nós, enquanto grupo, mostrarmos que, apesar das diferenças, todos estamos ali para o mesmo, todos nós tratamos com respeito, não evidenciamos estas diferenças no sentido de... (P.B.: Estamos todos com o mesmo uniforme.) É isso. Estamos ao mesmo uniforme, estamos ali todos da mesma forma e eu acho que passamos uma mensagem de</p>
--	--	--

		<p>inclusão muito grande, sinceramente, e acho que é bem preciso porque, infelizmente, e eu falo por muita experiência para aprender com estas vertentes, ainda estamos numa sociedade que é muito... retrógrada e que exclui muito socialmente e que olha de lado a pessoa que está no supermercado a fazer barulho porque tem deficiência e que tem receio de ajudar, se vê uma pessoa com deficiência visual, "(S.P.)</p> <p>"O que é facto é que os pioneiros souberam acolhê-lo e ele também soube encontrar o seu próprio espaço, porque apesar das dificuldades todas que tinha, até de alguma motricidade nos raids e assim, ele tinha uma máquina fotográfica que ia tirando umas fotografias diferentes do que toda a gente fazia. E ele rapidamente foi adotado como fotógrafo da secção e foi um sucesso, foi encontrando o seu próprio espaço, o seu próprio caminho" (H.S.)</p> <p>"e toda a gente o aceitou da forma que ele era, ninguém se metia com ele, nem passava pela cabeça de ninguém. Inclusive em situações em que apareciam pessoas estranhas ou agrupamento em que começavam por torcer o nariz e a fazer umas caras estranhas, eram eles os primeiros a defendê-lo e a protegê-lo de bocas e coisas desse género." (H.S.)</p> <p>"temos que encontrar aqui um equilíbrio entre a noção que nós temos da dança que é necessária, dança entre aspas, que é necessária, de conhecer estes miúdos e das</p>
--	--	--

		<p>necessidades deles, e das potencialidades deles, e até de facto a nossa capacidade de identificar determinadas coisas.” (A.T.)</p> <p>“conseguirmos perceber minimamente o contexto familiar de cada miúdo é muito importante até para calibrarmos o contato que vamos ter com os pais e as relações que vamos ter com os pais” (H.S.)</p> <p>“que é conhecer os elementos, perceber os anseios os medos, o que é que gostam de fazer, o que é que não gostam, os dons e aproveitar essas informações e podemos fazer isso de várias formas ou lidar com o elemento ou falar com os pais como aqui disseram” (P.B.)</p> <p>“por muito que a equipa de animação queira fazer este esforço de pegar na cadeira de rodas, pegar na criança, a questão da dignidade humana, ou seja, nós não estamos a incluir esta criança na atividade, porque ela não está a poder autonomamente fazer a tarefa dela e o papel dela.” (C.L.)</p> <p>“Aqui a questão da inclusão é isso, é formar, sensibilizar e sempre tendo sempre em conta que não existem fórmulas mágicas, cada criança e cada diagnóstico é único, por exemplo, nas crianças ou nos jovens do espectro do autismo não existem dois meninos com o mesmo diagnóstico e que tenham as mesmas características ou que tenham os mesmos gostos, não é? Então, não existem fórmulas mágicas. Então, é sempre uma tentativa e erro. É percebermos o que é que funciona, é</p>
--	--	---

		<p>percebermos o que não funciona” (T.S.)</p> <p>“Portanto, como é que nós conseguimos adaptar este tipo de atividades para que todos consigam fazer, para que não tenham que sair porque não estão enquadrados, porque não sentem que aquilo, que consigam estar, que técnicas é que devemos fazer para que todos consigam estar e consigam participar. Acho que é muito deste sentido para conseguir que todos estejam incluídos numa atividade e consigam tirar o proveito também que é suposto e que nós também queremos que eles aprendam.” (C.B.)</p> <p>“não, não podemos estar a chamar uma coisa que não é porque depois descredibiliza quem, efetivamente, tem o diagnóstico e precisa desta atenção diferente, não é?” (C.L.)</p> <p>“É quase normalizar o que não deve ser normalizado não é? porque isto tem muito que se lhe diga, ai eu sou hiperativo há muitos meninos que dizem ah eu sou hiperativo e eu ai é então porquê? ah porque eu não consigo estar aqui concentrado e não sei quê - mas isto foi uma coisa que lhes foram dizendo então o miúdo chega a um ponto e não é só um miúdo mais agitado e está tudo bem não é?” (T.S.)</p> <p>“é engraçado ver que após algumas chamadas, de fazer esta repetição que já há muitos deles que já não é preciso dizer eles próprios já chegam já olham à volta e dizem e o D. vai buscar a C., ou seja, eu acho que o facto de nós também fazemos com</p>
--	--	--

		<p>que a cadeira não é assustadora a cadeira é fácil a C. está naquele sítio, mas a C. participa em tudo, faz todas atividades como eles e é sempre integrada” (D.S.)</p> <p>“estas experiências que nós vamos vivendo também com eles faz com que nós conseguimos perceber ok se aparecer um próximo parece que isto já está aqui na base e nós já sabemos como é que se faz, mas não é, muitas vezes é muito ir quase à estaca zero ok vamos aqui a base o que é que temos mesmo de fazer como é que vamos trabalhar,” (C.L.)</p> <p>“mas também temos que perceber que há que haver um esforço complementar isto vem ao primeiro tópico que nós falamos que é sempre o respeito pela dignidade porque se um jovem que não tem limitações motores consegue ir à casa de banho sem que a sua dignidade esteja em risco nós temos sempre que olhar para isto no prisma da dignidade, ou seja, temos que dar a máxima dignidade” (A.B.)</p>
	<p>Garantir a participação de todos nas atividades comuns</p> <p>(incluir e promover a integração de todos nas atividades, adaptando conforme as necessidades)</p>	<p>“Ou seja, eu acho que no escutismo deve haver, e há momentos que todos devem participar, e momentos abertos e disponíveis para todos, mas também devem existir momentos em que se perceba o risco e se perceba que tipo de condições de saúde podem ser adequadas a determinada atividade.” (M.L.)</p> <p>“se calhar mais vale não ter porque não estamos a incluí-los dentro do nosso meio, mas sim a tornar a atividade diferente. E acho que também não devemos criar atividades</p>

		<p>para os ditos normais e para aqueles que têm algum déficit cognitivo, que têm algum tipo de problema.” (M.M.)</p> <p>“Quando ele vai acampar e foi poucas vezes eu peço aos pais para irem, eu já sei que não consigo implementar a 100% o sistema de patrulhas porque não é suposto ter pais a acompanhar, mas é a única forma que eu tenho que tenho a certeza que controlo minimamente a situação,” (P.B.)</p> <p>“mas era uma doença do foro intestinal e ele fazia alimentação parentérica fazer uma série de suplementação portanto era uma situação clínica muito delicada e nós chegamos a ter formação com as enfermeiras do hospital de São João porque ele passava muitas temporadas hospitalizado e mesmo quando não estava hospitalizado e ia ciclicamente ao hospital e aí portanto nós chegamos a ter formação com uma dessas pessoas, a mãe também porque a certa altura a mãe deixou de trabalhar para acompanhar, portanto conhecia todo o procedimento e também nos deu essa formação para nós sabermos como agir e nós vamos lá acanac pronto foi preciso muita documentação, muitas reuniões, contactar com equipamento ele por exemplo ele nunca dormiu em tendas, ele dormiu sempre no hospital de campo porque ele tinha que dormir com as máquinas ligadas etc, mas depois o resto do dia ele andou sempre connosco pronto a mãe dele também estava connosco obviamente, foi feito aqui um pedido especial para a mãe estar connosco, mas ele participou não é em todo o acanac, obviamente, quando ficava</p>
--	--	--

		<p>mais cansado parava um pouco, depois retomava a atividade.” (T.M.)</p> <p>“querendo que eles sejam capazes de fazer tudo à maneira deles e queremos incluir todas as crianças e jovens em cada atividade, este lado humano e este lado também da capacitação de cada um também acho que é muito importante” (C.L.)</p>
	<p>Desenvolver competências, explorar potencialidades</p> <p>(promover o crescimento e aquisição de competências aos elementos)</p>	<p>“Conseguimos, acima de tudo, acrescentar, acima de tudo, fazer e marcar a diferença e dar-lhes as competências necessárias para o desenvolvimento cognitivo e social que eles precisam para que possam vir-se a tornar adultos capazes.” (M.M.)</p> <p>“Sim, o nosso papel como dirigentes é mesmo esse. Com qualquer um dos elementos, tentamos encontrar a melhor estratégia para ele se desenvolver. Ok? Nós fazemos as atividades para todos e para cada um deles. Certo?” (C.M.)</p> <p>“por exemplo nós a partir do momento em que eles entram nos pioneiros, todos eles têm que ter um e-mail e aí as nossas comunicações vão todas dirigidas aos pioneiros, apesar de que com o conhecimento dos pais, também para eles começarem a gerir a sua própria autonomia e perceberem que não é o pai que faz tudo lá em casa ou a mãe, ou seja lá quem for” (H.S.)</p> <p>“A esperança que eu tenho é com os grupos em que eu digo assim ok se eu quero levar o meu grupo de pioneiros a Sanabria e eles não têm condições físicas para ir a Sanabria,</p>

			<p>eu tenho de os preparar antes para... ou tenho que arranjar condições para que seja possível fazer em segurança as atividades.” (P.B.)</p> <p>“é que o jovem em questão não conseguia passar tempo nenhum sem estar com a mãe, era completamente dependente da mãe quando entrou para os escuteiros e no final desse ano escutista foi à Madeira praticamente uma semana sem a mãe e fez como os outros miúdos e claro com as suas limitações, mas para mim isto é um bocadinho do que é inclusão e saber que ele conseguiu chegar onde os outros chegaram, com mais ou com menos esforço, com mais ou com menos trabalho da equipa de animação, mas chegou e venceu também uma daquelas que era as barreiras que tinha.” (A.B.)</p>
Necessidades e Estratégias para a inclusão	Adaptação de atividades		<p>“É lógico que, se calhar, se eu tiver alguém na minha comunidade que tenha uma redução de mobilidade, eu não vou sugerir que essa pessoa possa fazer essa atividade, não é? Mas, se calhar, posso encontrar uma outra solução para ela até porque ela própria tem essa... Muitos dos miúdos têm uma consciência de que conseguem ir ao fazer.” (C.M.)</p> <p>“Portanto, se a criança tem uma paralisia cerebral, é natural que haja algumas atividades em que nós vamos ter de condicionar e há atividades em que nós, se calhar, não podemos fazer para ela.” (C.M.)</p> <p>“Acho que deve-se adaptar a cada momento, até porque há miúdos que não têm qualquer tipo de</p>

		<p>argumentação, qualquer tipo de consciência intelectual para determinados temas, mas são os melhores a nível físico.” (M.M.)</p> <p>“Exatamente, por isso, digamos que será mais um elemento em que nós temos de procurar estratégias. De facto, há alguns que nos exigem mais um bocadinho, mas é por isso que nós aqui estamos. Alguém tem de ir mais além do que nos é pedido vá, ou do que as pessoas estão à espera que nós façamos.” (C.M.)</p> <p>“porque aquilo neste momento não consigo identificar as causas ou o que despoleta as crises, mesmo explicando o que é que vai acontecer na atividade porque é algo que eles querem sempre saber, qual é a estrutura a rotina para estar a contar com os diferentes passos, às vezes há qualquer coisa - um som, um movimento - que gera a crise e o primeiro que tiver ao lado dele vai levar um vardão ok eu tenho que o retirar imediatamente do grupo à parte isolá-lo, acalmar e tenho que ligar aos pais por isso é...outra situação que acho que deve ser pensado e tem que ser pensado” (P.B.)</p> <p>“ao bocado quando eu falava da questão da equidade tinha a ver um bocadinho com isto que é ok face as características daquele elemento como é que esta atividade se pode traduzir para ele, não é? cumprindo na mesma os objetivos da atividade como é óbvio imaginemos eu vou dar um exemplo que tive na segunda secção e vocês vão reconhecer quem</p>
--	--	--

		<p>é facilmente, que é houve uma altura que um determinado elemento que eu tinha na secção tinha sido operada às pernas e não podia fazer raid, efetivamente, a questão dos pais foi - ele não vai ao acampamento, ele não vai - e eu sabia que era um miúdo que participava ativamente e que adora o escutismo, a ideia dele não ir ao acampamento embora ele não o dissesse, poderia ser pior para ele e pior no sentido de era maior o sofrimento de não ir do que ir com as condições que ele teria, pronto aí obviamente a questão do raid nós tivemos que adaptar e tivemos a sorte de ter condições para ele poder estar naquele caso até foram os bombeiros que levaram e que correu tudo bem, mas eu acho que o grande desafio aqui é efetivamente depois de transformar as atividades de forma a que eles possam participar e sentir o grau de gratificação de realização que os outros também têm” (A.T.)</p> <p>“é irmos para além da atividade em si perceber onde é que nós podemos criar na atividade estas características para que ele sinta que a atividade valeu a pena que foi estimulando, que se sentiu realizado e que veio de lá preenchido, mesmo que, não tenha feito exatamente as mesmas coisas e isto também é discutido e envolvido aqui neste caso por exemplo pode ser envolvido o conselho de guias no sentido até deles próprios também poderem participar nestas adaptações” (A.T.)</p> <p>“Se nós nos adaptamos, se adaptamos o sistema de progresso dos miúdos a esta nova forma de entender as coisas,</p>
--	--	--

		<p>Graduação das dificuldades</p>	<p>como evolução possível dentro daquilo que cada um é capaz, também devia ser muito fácil para nós pegarmos numa atividade e adaptá-la e perceber ok este miúdo com estas limitações o que é que poderá ser para ele uma atividade concluída com sucesso, não é? E mais uma vez se calhar é as pessoas não se interessarem pelas coisas verdadeiramente e não lerem, não estudarem, não pedirem ajuda o que quer que seja e faz-me alguma confusão não é, que ao fim de tantos anos isto ainda seja uma questão.” (H.M.)</p> <p>“mas se tivermos um miúdo que seja daltónico e fizermos um jogo em que ele tem de seguir umas pistas com cores e nós não tivermos esta sensibilidade de perceber que temos um daltónico no nosso grupo não estamos a ser inclusivos “(H.M.)</p> <p>“o tempo que é necessário para estarmos em relação com os miúdos para os conhecermos para eles nos conhecerem a nós, para podermos estabelecer a confiança que é preciso para eles? não há tempo, não há tempo porque....e eu acho que isso é de facto ultimamente é das... é o que eu sinto que é das maiores falhas inclusive vocês se virem bem os acanacs, por isso, eu estive no 17 e tive no dia 22, agora vou estar no acareg e que já vi também o programa, quer dizer, não há um momento em que estes miúdos possam especialmente eu vou falar da segunda secção que é com quem eu tenho estado nestes últimos bastantes anos que é posso estar parados um</p>
--	--	-----------------------------------	---

		<p>bocado a conversar entre eles aliás eu no acanac fiz a opção consciente de nós não vamos a determinadas atividades à noite porque eu quero que vocês estejam entre vocês a conversar a qualquer coisa mas simplesmente estar eu acho que existe um medo terrível do parar quando no fundo é isso que nos faz avançar” (A.T.)</p> <p>“e nós estamos a fazer exatamente a mesma coisa, que é os miúdos têm uns dias não é na escola todos marteladinhos entre que acordam até que vão dormir e depois nós chegamos às atividades e fazemos exatamente a mesma coisa e martelar o tempo quase não há tempo entre nada não é” (T.M.)</p> <p>“é apresentar a mesma atividade em diferentes suportes” (T.S.)</p> <p>“Às vezes o que funciona com uns não vai funcionar com outros, tudo bem. Isto é muito por experimentar-se, não vale a pena, mas por isso é que precisamos ter alguma coisa que nos diga, pelo menos, ok, eu estou a tentar, mas pelo menos eu consigo perceber que estou a tentar no bom caminho.” (T.S.)</p> <p>“estivemos a falar de uma pessoa que tenha a parte do transtorno obsessivo compulsivo não a um nível extremo, mas a parte da organização, coloquem uma dessas pessoas como guarda material a sério e vocês vão verificar a capacidade de organização que a pessoa tem que é uma necessidade inerente à sua capacidade de ter que organizar as coisas, ter que ter as coisas no sítio, as coisas direitinhas</p>
--	--	---

		<p>pode vir a ajudar a própria comunidade ou a própria expedição a ter o material organizado” (A.B.)</p> <p>“E mesmo assim, nós, cumprindo o princípio de que estávamos a falar até agora, mantendo a atividade igual para toda a gente, decidimos fazer a fenda, sendo esta uma atividade construída pelos miúdos e sabendo aqui as dificuldades da secção. Com a questão do autista, nós fizemos o caminho durante a noite parte dele, e o miúdo empancou logo no início. E foi unânime com a equipa de animação porque também tínhamos dirigentes suficientes, a possibilidade de o trazer de volta a casa, sempre com autorização dos pais, também temos de pedir aos pais aqui para saber este retrocesso da atividade, e o menino voltou para casa, tudo bem. O outro miúdo foi espetacular porque toda a secção o ajudou e toda a secção fez com que fosse possível aqui esta evolução dele e este subir dele da fenda da Calcedónia. Acabou por também ser uma atividade que fez com mais dores no final, mas depois disso também foi compensado.” (M.L.)</p>
	<p>Intensificar monitorização junto da criança</p>	<p>“gente nos requer muita atenção, temos de ter sempre um chefe virado para ele, mas também tem as suas coisas boas que a gente lhe chamar a atenção e a gente se chamar a razão ele para e ouve-nos, ele absorve aquilo que nós queremos transmitir. Não é por muito tempo, não é por muito tempo. Passado uma hora ou outra já está no mesmo problema. Mas pelo menos ele ouve-nos e ele acolhe a nossa atenção. E nós, quando a gente vai, nós vamos</p>

		<p>acampar, vamos para qualquer lado e ele vai connosco não o vamos excluir só porque é um miúdo que nos requer muita atenção.” (L.)</p> <p>“Portanto, mas isso é o dever do dirigente de facto, estar atento a todos eles, mas este miúdo requer-nos muita atenção. O Chefe F. está aí pode confirmar e o chefe F. chamou-o à razão várias vezes, mas pronto, mas ele tem esse carisma também da parte dele também esse carinho de nos ouvir e de absorver aquilo que a gente quer transmitir, portanto é pouco tempo, mas tem esse carisma sobre o que a gente quer dizer.” (L.)</p> <p>“nós tivemos um nos pioneiros que um dos problemas que ele tinha que ninguém sabia, que se calhar fomos nós que descobrimos, é que ele não tinha muita noção da profundidade, ou seja, estamos num raid a descer e enquanto nós vamos rapidamente passo a passo por ali abaixo, ele ia pondo o pé muito devagarinho até encontrar a próxima pedra aquilo era um desastre não é? portanto a conclusão... o que é que nós conseguimos encontrar como solução foi um dos chefes agarrar assim atrás na mochila dele e íamos empurrando mesmo e ele ia por ali abaixo a gente ia segurando, mas fez aquilo impecável veio de lá todo feliz e pronto só tinha de estar um chefe ali a segurar e empurrar ao mesmo tempo para ele fazer o raid mais ou menos ao ritmo dos outros.” (H.S.)</p>
	Trabalho colaborativo entre	<p>“O lobito simplesmente foge e ficamos um bocado sem saber, o que vale é que somos três na Alcateia, uma dirigente e duas candidatas, o</p>

	<p>membros, pais e especialistas</p>	<p>Articulação com especialistas</p>	<p>que dá um bocado de ajuda em que uma consiga estar em olho nele, que era para ele não nos fugir e o resto da atividade ser um bocado dentro dos possíveis minimamente bem. Mas é complicado realmente porque temos de estar com sete olhos em cima.” (A.)</p> <p>“E sim, enquanto região, também queremos dar estratégias e tentar ajudar, conhecendo nós os casos, tentar procurar com os especialistas de que forma nós podemos minimizar essas dificuldades que sentimos” (C.M.)</p> <p>“De facto, temos que, se calhar, trabalhar ainda mais em equipa, se calhar, divulgar um bocadinho da nossa realidade e tentar ver, com os ditos profissionais, algumas estratégias. Porque, de facto, nós sozinhos temos muito boa vontade e fazemos coisas extraordinárias dentro das nossas capacidades e da nossa formação.” (C.M.)</p> <p>“Não, se calhar, entre fechar a porta, porque eu tenho consciência que não tenho condições, se calhar não é pior do que aceitar e não dar as condições. Estão-me a fazer perceber? Às vezes é preferível nós explicarmos àqueles pais que o escutismo não é a solução para que aquela criança possa evoluir mais um bocadinho.</p> <p>O escutismo não é a solução de tudo, não é o milagre para tudo. Sim, podemos fazê-lo, mas também não podemos querer ser os suprassumos. Porque, de facto, há algumas limitações que eu diria que quase que não se encaixam no escutismo que</p>
--	--------------------------------------	--------------------------------------	---

		<p>nós defendemos e que vamos praticando, percebem? Mas acredito que podemos ser inclusivos e podemos aceitá-los procurando soluções com os profissionais, com os profissionais da saúde e clínicos.” (C.M.)</p> <p>“mas eu já tive necessidade de ir buscar informações a outros sítios por exemplo a quem acompanha ou psicólogos ou técnicos porque às vezes os pais também não abrem o jogo todo, nós já tivemos um elemento que quando nós perguntávamos à mãe que... qual era o problema do elemento, a mãe respondia é uma disfunção cromossomática e eu ok fiquei na mesma... ok?” (P.B.)</p> <p>“e conseguimos obter se calhar mais informações específicas por parte de quem acompanha do que propriamente de alguns pais, claro que isto é caso a caso nem sempre é assim,” (P.B.)</p> <p>“a questão de fazemos sinergias não é, ou seja, percebermos que se aquela criança tem alguma especificidade até tenho algum tipo de acompanhamento podermos também a ouvir e aprender com a pessoa obviamente que os pais têm que autorizar não é, eu não posso ir fazer perguntar nada a um psicólogo sobre uma criança sem os pais autorizarem, mas isso até eu na minha prática diária não posso falar com uma colega sem os pais autorizarem não é mas muitas vezes estas sinergias com a entidades com colegas, com técnicos que de alguma maneira</p>
--	--	--

		<p>conheçam melhor a problemática ou acompanhe aquela criança ou tenham mais experiência quer dizer estas sinergias são fundamentais para nós aprendermos mais um pouco sobre aquelas especificidades, obviamente, as especificidades podem ser tantas que nós nunca vamos conseguir, por melhor que seja a formação, nós nunca vamos conseguir saber nem que seja um bocadinho de tudo” (T.M.)</p> <p>“esta questão lá está da sinergia e do contato com pessoas que tenham um domínio maior daquela área e que nos possam e que nos possam dar luz e ajudar a perceber ok esta criança ou esta necessidade e precisa de uma intervenção ou de uma ação de uma determinada maneira porque obviamente que até uma criança com uma doença destas ninguém se vai lembrar que tem que ter alguma resposta para uma criança destas, obviamente, não é? portanto quando os casos surgem é um bocadinho isto ok agora que ajudas é que podemos ativar, que recursos é que podemos ativar para de alguma maneira estarmos mais preparados para lidar não é com estas especificidades.” (T.M.)</p> <p>“nós temos de ser uma equipa multidisciplinar, na verdade, isto funciona, e funciona comunicarmos e trabalharmos todos em rede, porque, imagina, uma terapeuta da fala, uma psicomotricista, uma musicoterapeuta aliada ao escutismo, isto é muito bom, muito bom. Então, aqui o segredo é sempre trabalhar em rede, até mesmo se houver essa</p>
--	--	---

			<p>disponibilidade dos professores, falar com os professores, dizer nós temos este método, o nosso método da educação não-formal, verdade, mas nós também passamos aqui, transmitimos muito conhecimento e até esta adaptação e flexibilidade é muito importante, estas crianças que, por norma, são muito mais rígidas, não é?” (T.S.)</p> <p>“percebemos quais são as capacidades de cada um e trabalharmos com isso e ao mesmo tempo pedimos às pessoas aos adultos que trabalham com estes jovens fora do escutismo se nos podem vir ajudar neste sentido, ou seja, se eu chamar uma terapeuta de algum dos miúdos que que tenho para vir explicar aos outros pioneiros qual é efetivamente o problema e como é que podemos trabalhar como é que podemos ajudar pode ser uma forma diferente do grupo” (C.L.)</p>
		<p>Comunicação com os pais (problemas que envolvam comunicação, a maneira como se deve abordar e ter conversas com os pais)</p>	<p>“Agora, a verdade é que nós também temos essa dificuldade num movimento que os pais não nos dizem tudo. E nós, depois, no dia-a-dia, é que vamos apercebendo-nos que alguns comportamentos não são dentro dos ditos normais dos nossos miúdos.” (C.M.)</p> <p>“E eu também concordo, como há pouco a M. o dizia e a Mariana também, há jovens ditos normais que, se calhar, requerem muito mais cuidado e muita mais paciência e muita mais psicologia do que, às vezes, uma criança dita com necessidades educativas especiais. De facto, eu acho que, cada vez mais, o nosso movimento, o tipo de famílias</p>

		<p>que nós temos, exige muito de nós dirigentes” (C.M.)</p> <p>“efetivamente foi determinante a nossa relação com os pais, no sentido de dizer, olha, precisa de ajuda, é preciso procurar ajuda efetivamente,” (A.T.)</p> <p>“temos aqui um caso para resolver, mas é sobretudo com os pais, porque os pais... eu nem sei se eles sabem que têm uma filhas às vezes não é aquilo parece assim uma coisa um bocado estranha.”(H.S.)</p> <p>“Os pais aqui são fundamentais, como são fundamentais, nós temos que explorar esta relação e é torná-la também próxima, não próxima ao ponto de os pais fazerem parte do grupo, não é isso que se pretende porque isso depois vai desvirtuar toda a nossa missão enquanto dirigentes, e até mesmo a missão dos miúdos enquanto escuteiros.” (T.S.)</p> <p>“Mas foi muito importante no início quando ela começou chamarmos os pais e dizer - ela precisa de ajuda, é preciso levá-la – e, efetivamente, as coisas começaram..” (A.T.)</p> <p>“nunca houve um contacto por parte dos pais, para nos dizerem, olha a nossa filha tem isto, a nossa filha precisa de X, a nossa filha faz esta medicação regular, que faz, e nós sabemos porque a filha deles nos disse, a nossa filha não pode estar em espaços com muito barulho, porque senão vai ter uma crise, nunca nos foi dito, em momento nenhum,” (A.B.)</p>
--	--	--

		<p>Falta de comunicação</p>	<p>“sensibilizar os pais para esta questão, por favor avisem... imaginem que ele ou ela começa a fugir e é atropelada de quem é a responsabilidade? A responsabilidade é nossa, enquanto dirigentes, nós somos os cuidadores informais, onde é que nós estávamos quando aquela criança começou a fugir sem rumo” (T.S.)</p> <p>“uma das situações que eu posso pensar já aqui é numa reunião de pais inicial, que, por noma, é feita em todos os agrupamentos ou pelo menos perto das atividades e deixar isto bem claro não nos dirigirmos a ninguém, mas dizer que isto é muito importante, falarem sobre alguma condição de saúde porque pode acontecer alguma coisa e nós temos que estar sobre aviso” (T.S.)</p> <p>“nós podemos ter aqui questões legais que não queremos, que ninguém nos perguntou se nós queríamos assumir portanto isto também é importante ser falado e às vezes, por estas questões, os pais pensam melhor e assim também é importante nós dizermos que não há nenhum que vai ser excluído do grupo por ter algum diagnóstico, isto é super importante, dar esta abertura também aos pais” (T.S.)</p> <p>“a lembrar de outra em que efetivamente tinha mutismo seletivo e que eu percebia claramente que aquilo não era... pronto que era ali uma situação grave. Durante vários anos alertei os pais para a importância de a levar ao médico. eles durante vários anos não a</p>
--	--	-----------------------------	---

		<p>levaram e só...por isso ela já estava nos pioneiros acho eu quando, efetivamente, os pais a levaram ao médico e quando a levaram ao médico ela depois começou a libertar-se, vamos dizer assim, porque estava medicada e tal e começou a ter outro tipo de comportamentos lá está as coisas também depois evoluem em função da idade, da própria situação em si.” (A.T.)</p> <p>“no meu caso, já tive a experiência de descobrir, descobrir (reforçando) que o menino levava medicação para os acampamentos e que nós não sabíamos e depois questionei os pais sobre - como é? como é que é isto? – por isso, tive de chamar os pais e perguntar (risos) o que se estava a passar, então ele leva medicação e... estamos a falar da segunda secção estamos a falar de um miúdo de 11 anos, por isso...pronto (risos) há situações muito variadas.” (A.T.)</p> <p>“ele efetivamente tem mesmo uma necessidade educativa especial, mas é um rapaz completamente integrado, a nível físico até se safa melhor que eu num raid o que seja, mas claro em termos cognitivos toda a gente sabe e percebe que há ali um comprometimento, mas completamente funcional, nunca ficou para trás em nada, sempre veio connosco a tudo e a própria mãe é que às vezes lhe impõe um bocado os limites, não acredita que ele é capaz, estava sempre em cima dele, sempre obcecada em ligar, mandar mensagens...por algum motivo... “ (A.A.)</p>
--	--	--

		<p>Frontalidade/comunicação excessiva</p>	<p>“uma das estratégias que fomos tomando com a mãe era que ela tinha de confiar em nós – em nós, pronto no caso nos dirigentes da quarta – mas que tinha que haver essa confiança porque sem essa confiança as coisas não resultavam, e o que fomos fazendo era por exemplo ele não falava com a mãe, a gente disse - olha não vais falar com a tua mãe tipo esquece – e ele mandava uma fotografia e mesmo com os pais dos miúdos nos exploradores e lobitos adotamos muito isso em agrupamento, os miúdos não levam telemóvel não têm e por exemplo durante um acampamento, à noite, enviasse uma foto da expedição, alcateia a dizer está tudo bem.” (A.A.)</p> <p>“nos lobitos eu nunca mas nunca os pais me ligam, os miúdos não falam com os pais durante a atividade, há uma relação de confiança essa relação estipulo logo na primeira reunião no início do ano e se eles confiam em nós sabem que se alguma coisa acontecer a primeira chamada a primeira pessoa a quem eu vou ligar vai ser com eles, só se for uma coisa grave em que tenho de chamar o INEM (risos) ou qualquer coisa mas os elementos não falam com os pais e nas atividades só para vos dar o exemplo neste acanuc, nós fomos ao acanuc e tivemos alcateias que mandaram os miúdos embora porque eles falavam os pais e desatavam a chorar e eles não os conseguiam controlar” (P.A.)</p> <p>“eu também partilho das vossas opiniões a relação de confiança é sempre por aí, eles sentirem que nós</p>
--	--	---	--

		<p>estamos com eles também na educação. O foco é a educação do explorador, do jovem, que efetivamente nós estamos com eles e queremos construir uma relação de confiança, mas não falamos aqui de uma coisa que eu tenho vindo a sentir e que eu acho que é muito... na segunda secção isso é muito evidente que é a saúde mental dos pais porque nós temos pais muito difíceis, nós temos pais com angústias de separação brutais, nós temos pais que estimulam a ansiedade e a dificuldade de separação dos miúdos e nós também temos de alguma forma - pelo menos é assim que eu tenho vindo a gerir esta questão - temos também ir ajudando estes pais a crescer, é um bocado isto, ajudando estes pais a gerir estes espaços... “ (A.T.)</p> <p>“os pais quererem impor ou insinuar algum tipo de necessidade educativa especial ou algum tipo de benevolência para justificar certos tipos de comportamentos que se prendem mais na falta de educação, na falta de regras, que já vêm de casa” (A.A.)</p> <p>“Que os pais não nos contam tudo, termos crianças com, por exemplo, epilepsia, que à partida não é uma doença que traga nenhum problema, mas se tiver uma crise convulsiva e ninguém saber que havia uma medicação SOS para administrar, por exemplo.” (M.L.)</p> <p>“chefe de unidade com o chefe de agrupamento chamar a família e confrontá-la com os comportamentos</p>
--	--	--

		<p>que esta criança está a ter ou este jovem está a ter com pares ok com os outros miúdos - olhe ele está a ter este comportamento com os pares, a senhora não nos disse nada na parte da informação da ficha da inscrição nada disse como é?” (C.M.)</p> <p>“nem sempre os pais estão atentos, nem sempre os pais querem saber, querem saber no sentido de saber o que se está a passar, não é?” (A.T.)</p> <p>“Portanto é isto, se os pais querem que nós sejamos parceiros deles, que os ajudemos nesta formação não é de desenvolvimento pessoal dos filhos têm que contribuir, que colaborar connosco certo aqui não é o que queremos saber mais da vida deles mas é tentar ajudá-los sabendo mais sobre a criança” (C.M.)</p> <p>“portanto os pais têm que perceber que nós somos parceiros e que estamos aqui para o bem dos miúdos e, nesse sentido, têm que ser sinceros connosco não para nós os excluirmos de todo, mas para os conseguirmos incluir, os conseguirmos ajudar melhor” (C.M.)</p> <p>“acho que em conjunto é que se resolve e sem dúvida a família é fundamental, a comunicação que tivermos com as famílias é fundamental para com todos, para com todos...” (C.M.)</p> <p>“que os pais também entram muitas vezes em negação de aceitar que os filhos têm espectro de autismo, isso acontece e destes anos todos tivemos um menino que tentamos e tivemos</p>
--	--	--

		<p>efetivamente que fazer aquela parte, não conseguimos foi assim há uns anos há 3 ou 4 anos que ele teve que sair que realmente era completamente inadaptado e tinha completa mobilidade, só tinha problemas gravíssimos” (J.R.)</p> <p>“Nós temos um menino que está no quarto ano, na última etapa de lobito, e os pais quando o inscreveram foram de uma frontalidade enorme. Primeiro quiseram falar connosco e descreveram um panorama assustador e nós tivemos a mesma reação, dizia um bocado a C., não estamos preparados efetivamente e não estamos na realidade, a não ser que por coincidência houvesse algum profissional da área, não era o caso, e nós em secção decidimos, olha, vamos tentar. Mas era assustador e acredito que em muitas atividades onde aquele lobito passou, que se calhar nem sequer permitiram que ele se inscrevesse e aqui o tentar foi fundamental, portanto ele está connosco no quarto ano.” (J.R.)</p> <p>“Pelo contrário, temos situações às vezes que são os pais que criam o bloqueio. Também tivemos outro D., coincidente no nome que é o oposto, porque era uma criança perfeitamente normal e que a ideia dos pais de restrições alimentares levou a que ele se conseguisse sentir diferente e acabou por sair do movimento.”(J.R.)</p> <p>“mas a experiência que eu tenho relativamente a este tipo de miúdos,</p>
--	--	--

		<p>havia um que tinha também um irmão que era perfeitamente normal, que notava-se que tinha qualquer coisa, mas os pais nunca assumiram que ele tinha ali um problema, um atrasozito qualquer.” (H.S.)</p> <p>“é fundamental também que os pais percebam que os principais responsáveis pela educação dos filhos são eles não é? quer dizer não somos nós...mas é este trabalho também como A. também dizia há pouco também temos que educar um bocadinho os pais e fazê-los entender que têm que ir largando os filhos não é?” (H.S.)</p> <p>“a primeira reunião de pais nos pioneiros é exatamente isso e para fazê-los perceber que a partir de agora são eles, os filhos que têm que começar a tratar da sua própria vida e portanto concordando com aquilo que foi dito aqui, acho que os pais são fundamentais independentemente das necessidades educativas especiais ou não, porque os pais são uma peça fundamental do nosso trabalho também portanto é isso.” (H.S.)</p> <p>“a questão de fazer reuniões de pais, individuais e coletivas também é importante, é importante por vários motivos para eles se sentirem envolvidos e também para perceber o que é que andamos ali a fazer porque como é lógico pá, a maior parte dos pais não faz a mínima ideia, se não tivéssemos estes contactos com eles, não faz a mínima ideia do que é que, o que é que nós fazemos, qual é o nosso trabalho e portanto essa prática de ir fazendo algumas</p>
--	--	--

			reuniões ao longo do ano com os pais, quer para dizer como é que está a secção, o que é que vai acontecer, aquelas coisas todas, mas também individualmente, chamar um ou outro para realmente tratar de um outro assunto e também para estarem à vontade para caso eles queiram falar de alguma situação específica dos seus filhos, já tivemos situações em que os pais vieram falar connosco que havia um problema na escola de bullying “ (H.S.)
		Cooperação entre dirigentes e profissionais de saúde	“o sistema patrulha é sem dúvida que é o melhor, mas esse mesmo psicólogo que diz que tem que ir para os escuteiros tem de ter a disponibilidade de vir falar com o dirigente que vai estar com o miúdo para ter as melhores estratégias ou dizer em que contexto é que ele tem que vir para os escuteiros” (C.M.)
		Articulação entre dirigentes	<p>“Trabalharem em equipa de animação pronto tentar ver quem tem mais paciência ou quem sabe lidar ou naquela atividade se calhar aquela dirigente consegue chegar melhor pronto então nesta atividade vais ser tu que vais ficar responsável na outra não porque ele nestas questões do físico não consigo porque não quero tocá-lo e ele não aceita o meu toque” (C.M.)</p> <p>“Estas redes de proximidade são fundamentais, eu sei que se tiver algum problema deste, eu sei que posso falar com gente de A. S., S. M., realmente têm situações do género, até M., portanto acho que falta esta sistematização e este pôr em prática e este criar este tal manual de boas práticas mais ou menos formal/</p>

		<p>informal que nos ajude e que nos permita ir avançando nesta área” (H.S.)</p> <p>“se calhar apoiarmos nos núcleos ou na região e isto é um mal não só da nossa região mas do CNE em geral, os agrupamentos fecham-se a si próprios e acabam por não funcionar em rede, e se calhar se funcionássemos em rede mesmo que a formação não circule da mesma forma por todos os agrupamentos, mas se calhar tínhamos este apoio e sabíamos que não estávamos sozinhos e conseguíamos ter alguém que nos ajudasse ou alguém que nos tirasse uma dúvida pontual ou existencial, mas era muito importante que conseguíssemos ter a capacidade de funcionar em rede.” (H.M.)</p> <p>“um agrupamento que tinha uma necessidade muito específica, e fala com a equipa para perceber qual o posicionamento ok o que devemos fazer, mas eu acho que muitas vezes nós temos imensos recursos, mas também temos de acreditar naquilo que nós estamos a fazer não é, a maior parte de nós tem muita muita experiência a A. há de ter e a Mariana também, também hão de passar por vocês muitos anos e muitos meninos por isso a experiência também vos vai dar aqui uma grande ajuda mas é um bocadinho isto esta sinergia, não nos fechamos no nosso quintal, mas abrimos aqui percebermos que todos juntos podemos encontrar soluções muito mais consistentes e eficazes.” (T.M.)</p>
--	--	--

		<p>“ela entrou na secção este ano, nos foi dito a nós, a informação que nós tínhamos foi dos dirigentes, da segunda e da primeira, que já tinham estado com ela, e que nos foram contando e nós assim ficámos um bocadinho com o menino nas mãos, como se costuma dizer, porque nós não sabemos o que fazer” (A.B.)</p> <p>“na minha ótica acho que isto tem que ser sempre tudo muito bem pensado e a equipa de animação tem que estar em unísono sobre como é que nós vamos passar isto aos elementos” (C.L.)</p> <p>“Só a questão de ser facultativo, nós quando fazemos a escolha dos módulos aquilo depois são dados os que a maioria escolheu, portanto eu até podia ter escolhido esse na formação mas depois como a maioria não escolheu, só tinha pioneirismo e orientação” (C.B.)</p>	
		<p>Partilha de informação</p>	<p>“agora no acampamento de núcleo como em acampamentos nacionais e nós os dados que temos na parte hospitalar é o que consta no SIIE e aquilo é péssimo, ou seja, a maioria dos agrupamentos nem tem o hábito de colocar no SIIE e esse também não está preparado para ter essas informações, ou seja, na questão anterior o que é que o CNE pode fazer e mesmo nesta, eu acho que aqui o SIIE também era uma ferramenta que já que é tão útil porque realmente consegue ali completar uma série de dados importantes e também...” (M.L.)</p>

		<p>“o que pedimos sempre é não se dá medicação sem os pais assinarem uma declaração de toma de medicamentos isso é sinequanon ainda agora estamos a preparar a ida à Itália e inclusive os pais vão assinar se pode ou não pode dar benuron e brufen que a gente às vezes acha que é universal, mas há miúdos que são alérgicos” (J.R.)</p>
	<p>Avaliação dos recursos</p> <p>(compreender o que o escutismo é capaz de proporcionar e o que não, transparecendo isso à comunidade e a quem procura o movimento como ajuda)</p>	<p>“é aquela questão só quando chega ao agrupamento é que nos apercebemos que há uma necessidade e só aí é que nos adaptamos e muitas das vezes só quando chegamos a um acampamento com mais agrupamentos é que percebemos que isso é uma falha não é? grande na questão do movimento” (M.L.)</p> <p>“tinha as crises, mas nós conseguíamos associar o que despoletava, por exemplo, uma sirena dos carros dos bombeiros despoletava uma crise” (P.B.)</p> <p>“nós temos quase que fazer aqui um puzzle que encaixa não é que pode não ter, podemos não conseguir que encaixe na perfeição, mas era aquilo que o P. dizia é, que grupo é que temos e que dirigentes é que temos para aquele grupo não é? e portanto às vezes não adianta ter 5 dirigentes se aqueles dirigentes depois não encaixam com aquele grupo não é portanto isto são casamentos vá que não são fáceis de fazer porque não adianta ter 3 dirigentes se os 3 dirigentes estão eventualmente a passar por fases de vida muito difíceis e estão emocionalmente muito frágeis e não têm capacidade</p>

		<p>Falta de recursos</p>	<p>ok são 3, na verdade, mas há depois na prática não é?” (T.M.)</p> <p>“e a nossa pioneira teve uma crise muito, completamente dissociativa, e nós ficámos ali, sem saber o que fazer, porque qualquer pessoa que passasse perto, ela o que fazia era atacar a pessoa, mesmo assim, tipo, vai-te embora, não sei o quê. E nós, enquanto dirigentes, não sabemos o que fazer e para além de não sabermos o que fazer, nunca nos foi dito por parte dos pais, olha, vocês nessa situação façam assim, ou façam assado, façam desta forma, façam daquela” (A.B.)</p> <p>“saber qual é a nossa capacidade como agrupamento de aceitar estes jovens” (C.L.)</p> <p>“nós temos miúdos que nos chegam porque os psicólogos mandam vir para os escuteiros, mas nós dizemos muitas vezes aos pais, nós não somos nenhuma terapia, nós não somos profissionais terapêuticos que sabemos lidar, à partida, com estas questões, nós podemos estudar, podemos perguntar, pedir ajuda dos pais, mas nós não estamos capacitados à partida para isto.” (C.L.)</p> <p>“um é economista, outro é secretário administrativo, outro faz não sei o quê, não tem na sua base de aprendizagem e no seu dia-a-dia estas competências adquiridas para trabalhar com estas crianças, por isso, fazer uma avaliação da direção do agrupamento e do próprio agrupamento perceber que capacidades temos para isto. Isto</p>
--	--	--------------------------	--

		<p>envolve questões que sejam físicas, questões que não sejam físicas, o número de adultos que está disponível para ajudar não é porque muitas vezes o que acontece em muitos agrupamentos é não termos um número de adultos suficiente mesmo os que estão inscritos não são suficientes para conseguir ter secções muito grandes” (P.B.)</p> <p>“precisamos de ferramentas mesmo do que é que deve ser feito naqueles casos, como é que uma atividade pode ser adaptada para que todos consigam fazer a mesma atividade e usufruir da mesma maneira, sei que há miúdos, pelo menos os nossos, que não têm capacidade às vezes para acompanhar até o nível de concentração que temos no, às vezes temos dois ou três que de repente disparam e estão a brincar com outra coisa qualquer e não conseguem.” (C.B.)</p> <p>“se algum jovem aparecesse cadeira de rodas no B., que é o meu agrupamento, nós teríamos que dizer muito abertamente à família que não, que não vai ser possível, porque a nossa sede é muito antiga e não está adaptada.” (C.L.)</p> <p>“podemos querer ser muito integradores, mas há questões físicas e barreiras físicas que às vezes não o permitem e se calhar o melhor para essa criança se aparecesse no B. nós teríamos que dizer, olha, vamos encaminhá-la para um agrupamento que sabemos que as acessibilidades físicas são adequadas a isto, sedes mais recentes, porque agora é</p>
--	--	---

		<p>obrigatório para qualquer sede que se construa, tem que ter todas estas questões que qualquer edifício é obrigado a ter,” (C.L.)</p> <p>“nós não deixamos de ser inclusivos ou não somos contra a inclusão se dissermos nós não temos capacidade para receber esta criança ou aquela criança ok, nós somos os responsáveis máximos, somos o garante da segurança dos miúdos que estão connosco e temos de ter a responsabilidade também de assumir que não temos capacidade podemos ok ter de nos preparar e podemos procurar essa ajuda mas se não tivermos condições nós não deixamos de ser inclusivos se tivermos a noção de que não temos capacidade e que receber aquela criança vai impactar quer no desenvolvimento dela quer no desenvolvimento de todas as outras pessoas que estão no agrupamento.” (H.M.)</p> <p>“Porque eu acredito plenamente que nós somos mais expressamente, exclusivos do que inclusivos, se não tivermos a abertura e a franqueza de dizer que nós não temos recursos, que nós não temos competências” (M.M.)</p> <p>“nós poderemos dar uma resposta adequada em termos do que é, usando a metodologia e os objetivos educativos das secções, de acordo com as necessidades dos escuteiros, por isso dos agrupamentos em função da secção, e adaptando todo o sistema, digamos, também às suas necessidades e às suas possibilidades e às suas potencialidades.” (A.T.)</p>
--	--	---

			<p>“quando entra qualquer elemento para o nosso agrupamento, independentemente das características, cabe à secção perceber se poderá receber ou não, independentemente de ter necessidades especiais ou não.” (P.B.)</p> <p>“Eu vejo a coisa de outra forma, que é, eu tenho adultos suficientes para lidar com o grupo que eu tenho, independentemente de ter necessidades especiais ou não. Como é que é o grupo? É um grupo maduro? É um grupo tenro? E depois a pessoa que está do outro lado, qual é o perfil? Que características é que a pessoa tem? É diferente eu receber um lobito, independentemente de ter necessidades especiais ou não, com seis anos acabados de fazer ou com nove anos.” (P.B.)</p> <p>“Primeiro, não estamos minimamente preparados para lidar com estas crianças, foi complicado por causa do medo de falhar com este jovem, que na altura tinha 14 anos.” (P.A.)</p>
		Espaços/condições físicas	<p>“as nossas sedes são zero preparadas até para só o facto de termos uma secção gigante às vezes não temos uma sala adequada para a própria secção, independentemente, do tipo de patologias que lá possamos ter” (M.L.)</p> <p>“não temos financiamento suficiente para muitas das vezes as mudanças não temos instituições que nos apoiem e hoje há uma realidade e amanhã pode existir outra ou seja hoje podemos ter um agrupamento com apenas um miúdo e amanhã já</p>

		<p>nos chega lá outro e ninguém vai fechar a porta, não é? por isso acho que isto também é uma mudança constante” (M.L.)</p> <p>“mas também penso que cada vez mais estamos a aceitar mais e estamos mais abertos a poder recebê-los certo?” (C.M.)</p> <p>“porque de facto se calhar se nós tivéssemos esse tipo de casos se calhar já iríamos mais percebes? de encontro a facilitar ou a criar essas mudanças percebes?” (C.M.)</p> <p>“recordo-me que a proteção civil lançou que todos os agrupamentos têm de ter uma mapa da sua sede para que pronto que as coisas... tentarem ter as melhores condições e, se calhar, fala-se um bocado da questão das rampas, é óbvio que, se nós não tivermos nenhuma necessidade especial, isso não vai ser um ponto muito se calhar relevante para nós, mas tem que começar a ser não é? se calhar temos de criar as coisas de base e estar sempre preparados não é? para poder acolher alguém com uma necessidade especial e acho que a sensibilização e comunicação acima de tudo muita informação e não deixar os assuntos esquecidos ou para segundo plano.” (H.M.)</p> <p>“mas também temos que ter atenção que às vezes nós não conseguimos resolver todos os problemas com boa vontade porque, por exemplo, pôr uma sede realmente adaptada estamos a falar das portas, estamos a falar das rampas, estamos a falar das</p>
--	--	--

		<p>casas de banho, estamos a falar das saídas de emergência serem acessíveis também por cadeira de rodas estamos a falar de toda uma panóplia de, não só obrigações legais, porque os edifícios são obrigados a cumprir com regras, mas também com obrigações de dignidade” (A.B.)</p>
	<p>Formação de adultos/dirigentes para a inclusão  (formação específica sobre a inclusão – falta dela)</p>	<p>“e também acredito que nós, muitas vezes, adultos, não tenhamos a formação correta e adequada para que esta inclusão possa ser a mais adequada. Ou seja, muitas das vezes, e acho que aqui o CNE também podia melhorar, e espero, Mariana, que com esta upgrade seja aqui uma das grandes mais-valias, que é sabermos adequar a formação para poder integrar qualquer criança ou jovem nos nossos agrupamentos.” (M.L.)</p> <p>“É mesmo uma questão de formação, mais formação.” (M.L.)</p> <p>“E, portanto, eu acho que nós somos capazes, mas também temos de ser capazes de dizer que nós não temos recursos. Ou então, criar de alguma forma dentro dos agrupamentos, criar de alguma forma... Eu estou a tentar, eu sou chefe de agrupamento e tentei. E estou a tentar capacitar os adultos para recebermos todo o tipo de crianças, seja ela com limitações físicas, quer sejam cognitivas, quer sejam psicológicas, mas claro que isso é difícil.</p> <p>A C. dizia há pouco, dentro de uma instituição, são quatro elementos, mas nem todos têm as mesmas capacidades para lidar com certas crianças, independentemente do problema que tenham ou não</p>

		<p>problema. Temos é que nos capacitar nós, enquanto adultos.” (M.M.)</p> <p>“E é uma criança que realmente é complicado de lidar e daí falamos um bocado da formação que nos falta em relação a isso, ao ponto de nós queremos fazer uma atividade ou na sede ou fora e quando damos por nós, já não temos lobito nenhum.” (A.)</p> <p>“mas acho também que isto passa pelo movimento, portanto se não queremos excluir acho que também passa pelo movimento inculir na formação de dirigentes também um módulo que não, tem que ser um modo muito profundo não é, mas um modulo que nos pudesse minimizar e que e que nos pudesse ajudar a trabalhar com estes miúdos portanto e eu acho que o movimento também tem que passar por isso...” (L.)</p> <p>“Portanto é um processo de aprendizagem toda a vez que estou com ele apesar de estar habituado à minha filha e realmente um miúdo terá ali algumas coisas de autismo, mas não é não é fácil e realmente essa ideia de termos um módulo a nível no CNE termos um módulo para lidar com estas problemáticas eu penso que seria fantástico para os agrupamentos que têm esses elementos e depois dentro do módulo pelo menos de uma forma mais generalizada, aquelas problemáticas mais comuns o autismo, a trissomia 21, a hiperatividade nós se calhar temos esses são os mais comuns pelo menos nesses casos termos ferramentas ou conhecimento para</p>
--	--	--

		<p>lidar com essas situações eu acho que isso seria também uma grande ajuda.” (F.)</p> <p>“Portanto em termos da formação de adultos nós já vamos tendo um bocadinho e a equipa nacional também tinha esse módulo, estamos a reestruturar estamos com a equipa nacional também a tentar reestruturar para nos próximos portanto candidatos a dirigentes esse módulo estar, como tem o escutismo movimento seguro como tem outros módulos ok, não sendo facultativo ok, mas obrigatório porque também há muita gente que foge a este tipo de formação porque a mim não vai calhar nada e tal não sei quê e depois acabam por sentir essa dificuldade não é.” (C.M.)</p> <p>“Em relação à formação super que concordo apesar de que eu sou da área sou da saúde e no meu agrupamento é super difícil fazer uma formação porque a primeira coisa é se acontecer algo à criança vamos te chamar e eu ok mas eu posso estar do outro lado do campo ou posso estar a acampar, aliás eu tenho ido a quase todos os acampamentos de miúdos que tenham patologias mesmo não sendo as secções para poder dar suporte se alguma coisa acontecer, mas no meu caso temos esta possibilidade mas existem 1000 agrupamentos que não têm ninguém da área e não têm que ser não é uma condição obrigatória, mas acho que era importante porque se, por exemplo, na questão do SII, este alerta obrigatório que nós temos</p>
--	--	---

		<p>que preencher da criança tem medicação tem x” (M.L.)</p> <p>“pode dar-se o caso de os pais não terem conhecimento dessa situação e principalmente nos lobitos e se calhar o primeiro momento que ele se calhar os pais até se podem aperceber será quando os miúdos vão para a escola por aí é interessante e lá está é como falávamos há pouco temos um bocado essa nós dirigentes temos um bocado essa ferramenta de pronto alguma formação, portanto a quanto for possível para nós próprios também sabermos lidar com essa situação” (F.)</p> <p>“mas nós também temos um movimento onde, de facto, os adultos muitas vezes não são suficientes, não têm formação, que também não têm que ter formação técnica específica para lidar com estas questões, mas eventualmente têm que saber fazer a regulação de determinadas questões, e nem sempre temos estas condições” (A.T.)</p> <p>“ok, no manual do dirigente nas últimas páginas assim escondido nas últimas páginas a começar na página 387 tens um capítulo que diz escutismo inclusivo, aposto que 95% dos dirigentes do CNE não sabe que isto existe ok? e tens um capítulo geral e depois para cada secção abordar a temática das necessidades especiais, o escutismo inclusivo na alcateia, nos exploradores, nos pioneiros e nos caminheiros e como... e dão aqui algumas estratégias e boas práticas, tens mesmo boas práticas elencadas nas diferentes</p>
--	--	--

		<p>Formação especial para dirigentes</p>	<p>secções e depois existe um documento também a nível do CNE que eu não sei se está em vigor ou não neste momento, que é a política institucional do CNE perante a pessoa com necessidades especiais se pesquisares na net por PIP - necessidades especiais há de aparecer eu só tenho dúvidas se está atualizado ou não porque penso que isto foi um documento para aí de 2017 e depois tens mais 2 sítios onde podes ir buscar alguma coisa, vale o que vale depois se se está mais atual ou menos atual.” (P.B.)</p> <p>“Tens equipas, estruturas nacionais e regionais de inclusão que eu sei que também trabalham e têm ferramentas e que poderá não ser assim muito visível para fora, mas por exemplo lembro-me nos encontros de chefes de agrupamento essas pessoas que fazem parte dessas equipas, estão presentes e dão palestras em módulos de formação.” (P.B.)</p> <p>“nós estamos de facto agora a preparar a uma ação de formação que vai ser aberta a todos os dirigentes a elas vão ser organizadas por em 3 em 3 datas diferentes para conseguirmos buscar gente de todos os... e portanto a ideia é descentralizar um bocadinho e portanto a fazermos em 3 locais diferentes para podermos abarcar as pessoas dos diferentes núcleos e a ideia dessa formação é um bocadinho esta é lançarmos algumas ideias mais teóricas arrumar aqui alguns conceitos a organizar também alguma informação seja em termos nacionais seja em termos da ou seja</p>
--	--	--	--

		<p>aquilo que já existe enquanto ferramenta e depois obviamente também reflectir sobre boas práticas portanto contamos de que em março já consigamos pôr esta formação a rolar e a ideia é um bocadinho esta que possamos dar estas ferramentas porque como a A. dizia há bocado e é verdade nós não somos técnicos nem temos que ser portanto eu... a A. estudou 5 anos provavelmente para ser psicóloga também estudei 5 anos para ser psicóloga e portanto não podemos exigir um dirigente que tenha o mesmo domínio que nós temos não é portanto “ (T.M.)</p> <p>“mas até onde sei isto não é um dos pontos que é abordado e acho que também falta um pouco de sensibilização na parte da formação para que os dirigentes que estão neste momento a ser formados possam ter um bocadinho mais de compreensão de como é que conseguem tornar o movimento escutista um movimento inclusivo, claro que vai muito do próprio senso e do próprio tato do dirigente e nós todos enquanto adultos que somos e como escuteiros que somos, aí a promessa que fizemos ou que vamos fazer diz-nos que nós somos aqueles capazes e aqueles que são definitivamente capazes de, pelo menos, tentarem o melhor que puderem incluir a criança ou o jovem na situação.”(A.B.)</p> <p>“devemos fazer alguma coisa, temos que formar, porque efetivamente os dirigentes não têm esta formação, às vezes da melhor vontade não fazem da melhor forma e, na verdade, a</p>
--	--	--

		<p>melhor vontade não chega nestes casos.” (T.S.)</p> <p>“às vezes quem está a fazer isso não está a fazer com o sentido mau às vezes se calhar o dirigente está a fazer isso com o melhor que sabe por que acha por puro senso comum da a sociedade de que não sei quê de que é assim que se faz, mas não é, ok...e portanto eu acho que é para ontem incluir esse módulo, se já existe, incluir na formação obrigatória dos dirigentes sem dúvida.” (A.B.)</p> <p>“o que é que acontece àquela pessoa assim que faz 24 anos como é que ainda não se criou um curso formativo especial? já gostamos tanto desta palavra porque é que não há possibilidade de termos um dirigente ao nosso lado com uma formação especial muitas das vezes temos que fechar os olhos a pessoas que nós sabemos que não têm a capacidade cognitiva ou alguma coisa para continuar, mas quem é um agrupamento que vai fechar portas e vai dizer olha fizeste 24 pronto olha és obrigado a partir para fora porque não há possibilidade de continuar, por isso, acho que se que às vezes também nos preocupamos com os pequenitos e bem e ótimo mas há estas questões dos adultos que depois são ali barradas não é, a continuidade deles.” (M.L.)</p> <p>“uma das coisas que já falamos de dirigentes de facto que nós sabemos e que estão como ajudantes, por exemplo, alguns estão como ajudantes e não como candidato a</p>
--	--	--

		<p>dirigente porque lá está o défice cognitivo que possam ter também não os ajuda a poder fazer essa formação” (C.M.)</p> <p>“O facto deles se responsabilizarem por um grupo é arriscado e então é isso que nós dizemos se calhar tem que ter sempre um dirigente não é que é isso que acontece em alguns agrupamentos, nós sabemos que, portanto, ela acompanha ela está inserida na secção ok? mas nunca está sozinha com o grupo.” (C.M.)</p> <p>“criar pronto um outro lenço, assim como tenho da formação, ou que tenho da fnat, tenho o nosso, se calhar criar um outro e com uma formação mais ligeira talvez como ajudantes pronto, mas que eles se sentissem valorizados porque a questão aqui por eles é que depois não são nada não é? acabam por já não são elementos, mas também não são dirigentes e ficam um bocadinho sem saber muito bem” (C.M.)</p> <p>“apesar de nós termos aqui algumas dificuldades, nomeadamente ao nível da formação específica, porque até agora o PNE não tem propriamente grandes módulos para tratar estes temas, mas é essencialmente isso, é realmente começarmos desde muito cedo a trabalhar com todas as pessoas e com as suas diferenças.” (H.S.)</p> <p>“concordo que é preciso investir na nossa formação para nos sentirmos mais seguros a lidar com diferentes</p>
--	--	--

		<p>casos porque são todos diferentes e aí eu acho que a formação, não só para pessoas com necessidades especiais, mas hoje em dia para diversos tipos de crianças e jovens,” (S.P.)</p> <p>“um dos programas que temos é também perceber como é que isto vai ser no futuro não é porque vai chegar ao fim do caminharismo daqui a 4/5 anos e nós, neste momento, é uma coisa que já estamos a começar a pensar, mas não temos de toda resposta neste momento para ele e tendo em conta as possibilidades que o escutismo dá não é?” (C.L.)</p>
	<p>Liderança dos dirigentes</p> <p>(papal/ dever que o dirigente deve desempenhar)</p>	<p>“Sim, o nosso papel como dirigentes é mesmo esse. Com qualquer um dos elementos, tentamos encontrar a melhor estratégia para ele se desenvolver. Ok? Nós fazemos as atividades para todos e para cada um deles.” (C.M.)</p> <p>“Portanto, mas isso é o dever do dirigente de facto, estar atento a todos eles...” (L.)</p> <p>“quando nós começamos a ver que há pais que simplesmente não pronto independentemente deles já terem algumas dificuldades também nada nos dizem não é pronto também temos esse conhecimento, então nesse sentido e isso eu já debati com algumas pessoas mesmo na formação inicial e tudo portanto nós temos a partir do momento em que os miúdos entram no movimento e entram na nossa secção nós somos corresponsáveis ok, em termos legais</p>

		<p>nós somos corresponsáveis, não podemos virar costas ok, se tu não tiveres conhecimento ok tudo muito bem, mas em termos de responsabilidade civil a partir do momento em que essa criança te é confiada tu és responsável por essa criança” (C.M.)</p> <p>“porque pronto acho que é uma coisa que às vezes somos responsáveis por coisas que não sabemos, às vezes nós estamos com miúdos que não temos noção do quão complicado são e da responsabilidade que temos porque desconhecemos a situação e muitas das vezes eu estou com pioneiros isto acontece muito em pioneiros e caminheiros que é eles já são crescidos eles já sabem eles já fazem então com caminheiros isto é pão nosso de cada dia não é a ele já toma ele é autónomo sim mas se ele desmaiar deixa de ser autónomo não é?” (M.L.)</p> <p>“foi aquilo que eu vos disse no início portanto nós somos 4 dirigentes, se as 4 temos a mesma capacidade de lidar com ele? não mas não é por isso que não temos estratégias para lidar com ele ok? e assim como nós equipa de animação tentamos quando acontece alguma situação qual de nós é que vai saltar ou por exemplo a qualquer uma de nós fala não é? mas ele às vezes consegue desestabilizar o adulto ok? então eu equipa de animação tenho que estar atenta que se ela está a destabilizar aquele adulto e aquele adulto não está a saber lidar então eu tenho que intervir ok? que é para o bem dele e para a secção” (C.M.)</p>
--	--	---

		<p>“soubemos chegar a ele e foi espetacular porque são 2 miúdos da mesma idade ok? que andam na mesma escola que o guia entrou este ano na escola e de facto já não precisa ser um adulto a falar percebes são os próprios pares que falam com eles portanto o melhor é mesmo isso é nós enquanto equipa de dirigentes tentarmos arranjar algumas estratégias e sensibilizar os nossos guias e a nossa expedição para a forma, sem discriminar ok? sem discriminar a pessoa” (C.M.)</p> <p>“É evidente que para nós dirigentes é fundamental estarmos atentos e sobretudo estar atentos àquilo que eles podem dar ao grupo. Porque é isso que realmente é importante para que depois eles se sintam integrados e que realmente encontrem o seu espaço e o seu caminho” (H.S.)</p> <p>“pouco me preocupa se tem A, se tem B, se tem C, se tem D, não me preocupa muito, porque efetivamente não é esse o nosso papel, o nosso papel é ajudar a crescer, como diz a P., ajudar a crescer, apoiar o crescimento e tirar deles o maior potencial que eles podem ter. Mas, de qualquer das maneiras, reconheço que há aqui algumas coisas que nós precisamos de afinar, vamos dizer assim.” (A.T.)</p> <p>“o que eu tenho confrontado é de facto questões de saúde mental dos pais que nós não temos obviamente que... mas que interferem depois também no crescimento dos miúdos e na forma como os miúdos gerem todas as atividades e as coisas e de</p>
--	--	---

		<p>facto vejo a nossa função aí nos escuteiros, efetivamente, como construtores de uma confiança e de uma e de uma base de crescimento destes miúdos que permita sair um pouco do registo que às vezes estas relações também com os pais podem trazer não é pronto.” (A.T.)</p> <p>“Por isso, ou nós temos a preocupação de nos agrupamentos que temos pessoas com necessidades especiais de procurar, beber informação e pedir ajuda a quem sabe e muitas vezes passa por falar com pessoas que têm os agrupamentos que já passaram por essas situações nos agrupamentos ou com as estruturas da inclusão ou então se nós não procurarmos eu sei que cada vez mais dirigentes também não gostam de ler, nem de procurar estas coisas e as coisas também não vão cair do céu e depois é o aprender fazendo, porque nós também podemos ter toda a formação do mundo e cada caso vai ser sempre um caso uns pode resultar com outros não, ok?” (P.B.)</p> <p>“que precisamos de mais ferramentas precisamos aqui de alguma formação de alguma reflexão mas a mas já existem algumas coisas que estão ao alcance de toda a maioria mas nem por isso isso significa que Toda A Gente tem acesso que Toda A Gente usa que Toda A Gente rentabilize portanto não basta que as estruturas lancem coisas não é porque nós enquanto os chefia regional e a junta regional ou a junta central podem lançar todos os recursos mais incríveis “ (T.M.)</p>
--	--	--

			<p>“importante se depois não é os os dirigentes não vão pegar nisto e ler e estudar e perceber como é que podem aplicar portanto as ferramentas têm que estar ao dispor a mas depois também têm que ser aqui usadas não é e têm que ser exploradas nesse sentido” (T.M.)</p> <p>“nós não temos que ser técnicos não é mas temos que ter algumas noções para também nos sentirmos seguros naquilo que é a nossa ação não é porque obviamente que a nós passamos muitas horas com eles e é e além da responsabilidade civil e da responsabilidade moral também temos esta vontade de que as coisas funcionem e de e de ajudar estes jovens a crescer da forma mais integrada e harmoniosa possível “ (T.M.)</p> <p>“Mas esta questão é importante os critérios e o perfil que existe para o dirigente de facto não o diz explicitamente, mas toca lá e é de facto às vezes pertinente e também sabemos que estas coisas não são permanentes e há momentos da vida das pessoas, uns melhores e outros piores não é? e que efetivamente isso pode afetar a relação pedagógica e a forma como se está no escutismo,” (A.T.)</p> <p>“porque nós não somos técnicos não temos de ser, mas também temos de estar capazes não é emocionalmente para para corresponder porque é verdade que nós temos uma responsabilidade muito grande não é e é tudo muito bonito quando corre</p>
--	--	--	--

		<p>bem e depois quando, se em algum momento, não corre bem e é bem mais difícil de gerir e portanto eu costumo dizer que o CNE tem lá em cima uma luzinha muito especial porque nós às vezes criamos todas as condições para tudo correr muito mal e pronto e não corre mal e portanto também temos que ajudar um bocadinho a olhar neste sentido” (T.M.)</p> <p>“há muita dificuldade em parar para pensar em fazermos momentos de paragem e pensar isso mesmo, se o que estamos a fazer dar resposta ao grupo que temos ali não é? tudo pode ser diferente no ano seguinte, mas pelo menos parar um bocado para pensar qual é o nosso papel eu acho que, ultimamente, nos últimos anos a quantidade de coisas e a velocidade das coisas tem sido de tal ordem” (A.T.)</p> <p>“também eu acho que realmente as coisas às vezes são demasiado ritmadas e nós não estamos cá para fazer miúdos ocupados, estamos para fazer miúdos felizes e são coisas diferentes...” (H.S.)</p> <p>“e as vezes nos estamos à procura do guião mais espetacular ou da prática e às vezes só precisamos de parar e recentrar e pronto por aqui não está a dar, a resultar então se calhar vamos por ali e não termos o medo a dificuldade de epa não estamos a conseguir.” (T.M.)</p> <p>“eles vão conseguir é verdade é a questão desta motivação de nós darmos sempre o feedback contínuo,</p>
--	--	---

		<p>positivo e construtivo também é muito importante então esta a nossa educação a nossa relação pedagógica tem que ser sempre apoiada aqui numa parte da compreensão mas também numa relação positiva e às vezes isso não acontece quando como a C. diz... quando eu os seus dirigentes dizem tem não sei quantos lobitos hiperativos oh pá se calhar eles vão ter que criar uma estratégia para os acalmar nem que seja antes de começar a atividade” (T.S.)</p> <p>“nós enquanto dirigentes conseguimos valorizar não limitando ou seja nunca dizendo olha isto aqui nunca vai chegar este aqui não é faz, não faz, não, é fazer o melhor que nós conseguirmos e o nosso teto está na capacidade física, ou seja, na capacidade de cognição da criança ou do jovem e nós vamos jogar até aí e acho que nós enquanto dirigentes temos que jogar as cartas todas e acreditar quando os miúdos não acreditam e acreditar em saber que nós conseguimos chegar que eles conseguem chegar um bocadinho mais longe” (A.B.)</p> <p>“Autonomia, estimulação da confiança, autoconsciência até, autogestão, através do feedback positivo como eu estava a dizer ainda há pouco, do constante feedback, não é? nós vamos sempre aumentar estes níveis até mesmo o nível de esperança não é, numa esperança numa sociedade melhor, numa comunidade mais acolhedora,” (T.S.)</p> <p>“nós temos que, enquanto dirigentes, ter também este veículo de</p>
--	--	--

		<p>transformar, de motivar mas também nos automotivar e autoinnovar e deixarmos também aqui correr esta adaptação e continuarmos aquele trabalho que nos era tão pedido” (T.S.)</p> <p>“Neste momento nós precisamos de dirigentes que tenham sede de conhecimento e queiram continuar esta adaptação... adaptação à nova sociedade, aos novos miúdos que nos vão aparecendo, aos novos diagnósticos e a todas estas questões.” (T.S.)</p>
	<p>Educação dos pares para a inclusão</p>	<p>“então se nós sensibilizarmos os nossos eles vão depois para a comunidade muito mais adeptos não é muito mais inclusivos já não se ficam admirados quando um miúdo começa a gritar ou quando o miúdo tem necessidade de sair do barco começam a perceber” (T.S.)</p> <p>“é engraçado ver as crianças de 6 anos a perguntar para mim e para os outros dirigentes tipo D. porque é que não há um passeio para a C. porque é que a C. tem de ir na rua e se vem um carro? e estamos a falar de uma criança de 6 anos a fazer a esta pergunta e a ter esta percepção e eu acho que isso os prepara muito para o futuro não só a parte de os tornarmos autónomos mas também esta percepção da realidade que existem pessoas com particularidades como a C. disse há pouco e eles sentem essa necessidade de ir ajudar, mas nunca tentar de nenhuma forma atribuir este conceito de responsabilidade” (D.S.)</p>

		<p>Consciencializar para a diferença e educar para a inclusão</p>	<p>“problemática que exista no grupo, primeiro a idade, ou seja, estamos a falar pelo menos de pioneiros e caminheiros não é e dentro destas secções eu se calhar se for falar com o meu Conselho de guias dos pioneiros vou usar um vocabulário diferente do que se falar para o grupo inteiro quanto mais não seja porque eles são 33 e falar para 6 ou 8 é diferente falar para 30 e 33 não é e por isso acho que o grande ponto de partida é a idade que tem as pessoas com quem vamos falar e de para perceber de que forma é que podemos que vocabulário é que podemos usar. Outra das questões eu acho que também tem a ver com a questão da problemática se é visível ou não, não é? Se eu chegar aos caminheiros com uma pessoa cadeira de rodas eu quase não tenho que dizer nada não é só coisas mais específicas, se a pessoa precisa de ajuda para ir à casa de banho se a pessoa consegue levantar-se da cadeira para ir de uma cadeira de rodas” (C.L.)</p> <p>“Agora, o que nós queremos, mesmo enquanto região, o que nós gostaríamos de fazer é que as atividades pensadas para os ditos normais, os ditos normais também fizessem atividades pensadas para quem, se calhar, tem alguma limitação.” (C.M.)</p> <p>“mas acho mesmo que se isto se tornar o normativo vai deixar daqui uns tempos, o termo escutismo inclusivo, vai deixar de existir porque passa a ser o normal aquelas crianças têm tanto direito como as outras</p>
--	--	---	---

		<p>todas em lá estar. Ok? Acho que é um bocadinho por aí. “ (S.P.)</p> <p>“Nós, enquanto cidadãos, somos escuteiros, é verdade, mas enquanto cidadãos, é como a S. diz, nós discriminamos muito e, efetivamente, eu hoje tenho uma visão que não tinha há oito anos atrás. Uma visão completamente diferente. Eu acho que estes medos nos dão muito, enriquecem-nos muito, fazem-nos ver a vida de outra forma e eu acho que cada vez mais devemos de abrir as portas.”(P.A.)</p> <p>“Mas eu acho que os nossos valores, do nosso movimento, enfim, toda a nossa forma de estar na vida, acho que fazem do nosso movimento um movimento que parece quase talhado para as diferenças e para realmente integrar jovens com todas as diferenças.” (H.S.)</p> <p>“esta questão do rotular não existe, porque o F. é um dos nossos ponto, pronto, e esta é uma das minhas experiências que eu acho que deve ser falada, porque singrou, e é um exemplo de que isto, o escutismo é realmente espetacular, e que faz maravilhas, e que vale a pena o esforço que fazemos por eles, sem dúvida alguma.” (S.P.)</p> <p>“nós temos que conhecer quer o grupo como é que eles funcionam como grupo, mas também temos que perceber como é que cada elemento é individualmente e às vezes porque os dirigentes não têm tempo ou dizem que não têm tempo há uma grande tentação de gerir grupo porque o tu</p>
--	--	--

		<p>conheceres cada um dos teus elementos verdadeiramente envolve tu investires nisso, no criar a relação e perceberes como é que cada um reage a diferentes situações, eu acho que a primeira boa prática é essa, conhecer verdadeiramente o elemento quer seja através de lidar com ele quer com as pessoas que que o rodeiam.” (P.B.)</p> <p>“havia aqui acho que a ideia ou a pretensão de criar uma plataforma ou criar aqui algo que de alguma maneira arrumasse estas questões EE houvesse aqui um guia de boas práticas é uma tarefa que está atrasada perante pronto da parte da equipa nacional mas sei que há essa vontade” (T.M.)</p> <p>“Sim irmo-nos adaptando também e percebendo as reais capacidades dos miúdos que temos,” (H.S.)</p> <p>“acho que estamos tão embrenhados no que estamos a planear e queremos proporcionar às vezes as coisas mais fixas as coisas mais radicais mais... os jovens e as crianças vão gostar mais mas acho que a certa altura nós temos que parar não é? um dado momento tem que haver um clique pensarmos ok, mas se tiver uma criança surda ela vai fazer tudo se tiver uma criança invisual vai fazer tudo? se tiver uma cadeira de rodas se tiver se uma crise psicótica o que seja e acho que é importante nós tentarmos de vez em quando abrandar, ter ali um travão que é quase como se fosse algum tempo em espera, vamos a conduzir tem ali um stop obriga-nos a parar e tentar enquanto equipas refletirmos se o</p>
--	--	---

		<p>que estamos a planear, idealizar irá ser facilmente incluído com qualquer participante portanto e se chegarmos à conclusão que não, está tudo bem não é? errarmos.” (A.A.)</p> <p>“sempre que uns escuteiros mudam de secção, nós, por norma, reunimos, fazemos uma entrevista com os pais. Então, chamamos os pais e temos uma conversa, muito informal, claro, nós temos ali uma série de perguntas para fazer, mas o que nós temos é que usamos este método. Porquê? Porque já batemos em várias situações, em que o diagnóstico aparece depois, após a entrada, apercebermo-nos que existe ali alguma coisa, não há comunicação dos pais, então nós arranjamos este método, para assim, então, como é que está? Novidades sobre alguma coisa?” (T.S.)</p> <p>“mas uma das coisas que nós definimos nesse acampamento de direção foi criar aqui umas linhas orientadoras para estas situações, ou seja, cada vez que recebemos um jovem, uma criança no agrupamento tem que ser além da ficha de inscrição porque muitos pais era o que diziam antes que tem uma situação porque não estão ainda confortáveis com aquele diagnóstico porque têm medo do rótulo que possam expor ao filho, haver sempre este cuidado de além de darmos a ficha e o pai pôr lá a cruzinha de necessidades de apoio, ou não pôr, independentemente disso, haver algum tipo de conversa com os pais sobre o desenvolvimento geral - olha como é que ele está na escola está bem não está bem, como é que é a</p>
--	--	--

			<p>relação social com outras crianças com os primos” (C.L.)</p> <p>“Se a mensagem for passada ao contrário, olha ele teve este problema superou está bem, está continua a ser observado, mas está em fase de remissão e está tudo tranquilo vamos avançar vamos deixar vamos atingir com ele aquilo que ele conseguir atingir e é este o nosso foco é trabalhar com ele neste sentido, acho que esta mensagem tem que ser passada assim porque se já é assunto termos estas sessões e temos que falar destes assuntos porque são efetivamente importantes que seja de uma forma leve e tranquila” (C.L.)</p> <p>“acho é que nós temos de colocar os talentos a nosso favor e perceber como é que nós conseguimos tornar úteis as pessoas porque, primeiro, enquanto movimento, ganhamos porque temos pessoas mais úteis, pessoas que estão a ajudar e segundo a própria pessoa, o própria jovem vai sentir-se útil e isto, finalmente, é o que nós queremos, nós queremos que eles quando saiam deste método de educação não formal que nós estamos aqui a preconizar há mais de uma centena de anos, que os jovens saiam daqui úteis para a sociedade, sintam úteis e que eles cheguem ao final do dia e digam ok olha servi para alguma coisa” (A.B.)</p>
		<p>Sistema de patrulhas/cultura de interajuda entre as crianças</p>	<p>“o escutismo tem isso de espetacular que é os miúdos trabalharem em equipa em sede de patrulha, portanto nós dirigentes eu penso que podemos também trabalhar com os restantes elementos da patrulha que isso direta</p>

		<p>ou indiretamente é feito porque nós ensinamos logo desde o início a trabalhar em equipa, mas os miúdos da patrulha e a seguir da secção são fundamentais e podem ser uma grande ajuda na inclusão desses miúdos.” (F.)</p> <p>“mas nós enquanto elementos e trabalhando em sistema de patrulhas era quase o jogo do empurra de quem é que vai ficar com a batata quente naquele ano quem é que... e estou a falar friamente desta questão porque para os miúdos muitas das vezes isto também é um erro de nós adultos que não fizemos uma inclusão como deve ser e não fizemos um trabalho adequado nesta integração da criança, mas eu lembro-me que neste caso esta miúda era a última a ser colocada na equipa e muitas das vezes chegávamos ao ponto de dizer - ah mas o ano passado nós já tivemos com ela na equipa por isso este ano tem que ser vocês - isto é muito ingrato é muito ingrato para os miúdos, é muito ingrato para a miúda é muito ingrato pronto para toda a gente que aqui vive esta situação” (M.L.)</p> <p>“mas sem dúvida que para obtermos melhores resultados têm que ser os pares ok é como no sistema de patrulha se for o guia a falar tem um peso, se for o dirigente a dizer já tem outro ok, portanto de facto os pares são uns aliados que nós temos para lidar que é com todos, com todos seja para cada uma das características especiais que cada um de nós tem pronto.” (C.M.)</p>
--	--	--

		<p>“porque também depois é a tal questão entre pares eles depois também conhecem nuances e pormenores das características deles que nos são muito uteis para ajudar não é? Eu acho que isso é um desafio.” (A.T.)</p> <p>“agora há uma imagem que eu não me esqueço foi uma vez que nós fomos a Drave e um clã, penso que era da região de Lisboa, levou uma pessoa de cadeira de rodas, eu vi isso eu vi a carregar a equipa, a tribo agora, toda a pegar na pessoa, ia a equipa toda a pegar na pessoa e a fazer o raid todo a levar a pessoa até lá, eu vi isso, agora não tenho muita experiência com a parte das limitações físicas” (P.B.)</p> <p>“é isto que nós temos que também estar atentos e perceber, como é que é a restante patrulha ou a restante bando, não é? Quem é que vai funcionar como ponto de apoio para aquele menino ou para aquela menina que tem necessidades especiais?” (T.S.)</p>
	<p>Auscultação aos agrupamentos</p>	<p>“portanto nós mandamos um questionário pedimos à região para mandar um questionário a todos os agrupamentos para nos dizerem quem eram e que é o tipo de crianças que tinham, quantos eram, em que secção é que estavam, para sabermos e para chegarmos melhor a vós e nesse sentido também já encaminhamos para os núcleos datas para esse dito esclarecimento que vocês portanto também querem e estão a precisar e todos nós de certa forma é bom termos esse conhecimento” (C.M.)</p>

		<p>“nós pedimos a região e falamos com os núcleos e temos intenção de fazer uma apresentação com portanto com o tipo não é das necessidades educativas especiais o que é que são e tipo estratégias, como saber lidar como é que vocês chegam digamos quais são os sinais de despiste de cada uma dessas dificuldades que podemos vir a sentir e algumas estratégias que podemos utilizar sendo que a como eu também vos disse não há um livro de receitas não é e o próprio F. estava a dizer portanto lida diariamente com uma pessoa e com outra pessoa pode não saber lidar não é, portanto em conjunto também independentemente de termos essa base e de vos deixarmos portanto nós temos links e temos essa documentação para vos ceder.” (C.M.)</p> <p>“nós enquanto equipa regional a primeira coisa que nós fizemos porque queríamos também conhecer a realidade da região foi lançar um inquérito a aos chefes de agrupamento para percebermos que realidade era a qual era a realidade da nossa região que necessidades que problemas que desafios e como é que nós poderíamos dar uma resposta e portanto nós temos 122 agrupamentos AE tivemos 52 respostas a este inquérito portanto há na verdade a não foi sequer 50%” (T.M.)</p>
	Comunicação entre criança - dirigente	<p>“nesse dia que ele nos fugiu eu quando fui ter com ele e chamei-o e disse-lhe, tive uma conversa com ele lá no parque a bem dizer estava-lhe a chamar a atenção que ele não podia</p>

			ter feito aquilo mas ao mesmo tempo não o estava a fazer estávamos a ter ali uma conversa entre 2 amigos por assim se dizer e estava-lhe a dizer olha então tu fugiste saíste dali da nossa beira não disseste nada a ninguém então e não falas comigo assim também vinha contigo brincávamos os 2 aqui ou seja estava a chama-lo à atenção, mas ao mesmo tempo é dizer que estás preocupada com ele...” (A.)
Desafios/Experiências ao acolher estas crianças no movimento	Carácter aventureiro e de risco das atividades no escutismo		“Nomeadamente, por exemplo, a questões do raid, em que muitas das vezes falamos de um escutismo inclusivo, mas ninguém se lembra dos miúdos que não estão preparados para fazer esses raids. E tanto se apela a um fantástico escutismo inclusivo que acaba por não ser nada inclusivo.” (M.L.)
	Acessibilidade dos espaços/itinerários		“Aliás, um exemplo tão básico quanto o nosso campo do Idanha à Nova, que aquilo de inclusivo não tem nada, se tivéssemos alguém invisual, de cadeira de rodas, de muletas, não é um campo que esteja preparado para receber qualquer tipo de escuteiro nessa condição.” (M.L.)
	Progressão no percurso escutista		“Para além disso, para além de concordar com o que a Mariana fala, que é, muito bem, aceitamos aqui um escutismo dito inclusivo, mas chega ali ao percurso de candidato a dirigente e a inclusão acaba, e deixa de haver aqui uma oportunidade para esta pessoa, que é pessoa tempo completo, para continuar na sua vida escutista, ao mesmo tempo que o caminheirismo, também acredito que seja das secções mais complicadas para que haja esta inclusão, nomeadamente nas atividades de

		<p>reflexão, de raid, que muitas vezes não estão preparadas” (M.L.)</p> <p>“e foi um elemento que, é verdade que no início deu muitíssimo trabalho, ele tinha crises psicóticas, pronto, assim, pronto, e mesmo muito complicadas, agressivo também por vezes, mas de forma que conseguíamos controlar, nunca pôs em causa a integridade física dele, a nossa e a dos pares, portanto isso estava salvaguardado, pronto, e foi evoluindo, com o passar do tempo foi evoluindo, hoje está na faculdade, é um cidadão ativo, proativo, quer sempre investir em mais formação, em aumentar os conhecimentos dele, quer aprender a tocar viola, portanto está completamente incluído e acho que este crescimento deve muito, deve muito ao que viveu connosco nos escuteiros, houve ali uma fase em que ele regrediu um bocadinho, mas também, pronto, desta passagem para a adolescência, que foi ali entre os exploradores e os pioneiros, ali em 14, 15, houve uma regressão, mas acredito que também tem a ver com esta fase da adolescência, mas depois foi sempre evoluir, e lá está, hoje em dia é um escuteiro, com e grande,” (S.P.)</p> <p>“Nós temos miúdos que na primeira secção até eram completamente tranquilos e depois fruto do desenvolvimento tornaram-se de facto um desafio muito grande para as outras secções por causa do crescimento,” (A.T.)</p>
	Interesse/Participação em atividades	<p>“ele só quer quando vamos fazer os jogos ele está 100% disponível e está interessado e quer participar quando vamos fazer mais a parte técnica quando vamos querer mostrar o que</p>

		<p>é o escutismo o que é que nós fazemos aí já noto realmente que ele fica mais retraído, não participa tanto e aí que venha aquela necessidade dele e coloco necessidade entre aspas” (A.)</p> <p>“eles se sentem quase que..(C.M.: é um sentimento de pertença) fazer com que aquele elemento participe, esteja ativo isto também tem que ser aproveitado muitas vezes porque pronto naquelas idades há muito essa necessidade de os pôr a cooperar” (J.R.)</p> <p>“esse elemento parece que se transforma passa a ser aquele que acompanha e se conseguirmos muitas vezes transmitir isto a um bando, uma patrulha ou uma equipa que aquele elemento é um elemento que faz parte e que acaba por ser quase um objetivo da equipa funcionar em conjunto e todos têm que estar a um nível parecido eles fazem isso e temos tido honestamente resultados muito bons” (J.R.)</p>
	<p>Perceção de um Limite para a inclusão</p> <p>(quando as competências não correspondem aos requisitos das atividades)</p>	<p>“Acredito que, para ser escuteiro e para se fazer esta questão do escutismo, também devia existir aqui, não é uma regra, mas é um conceito de o que é que é possível fazer e o que é que não é possível fazer porque já aconteceu de nós termos crianças que tinham dificuldade nesta questão da movimentação, que acho que é mais fácil de perceber, e como é que nós vamos dizer que a criança não pode participar naquela atividade e queremos alinhar num escutismo inclusivo.” (M.L.)</p> <p>“Porque eu acho que o facto de, e sim, devemos lutar por uma equidade</p>

			<p>e não por uma liberdade, por uma igualdade, desculpem, mas sim por uma equidade, mas também temos de ser conscientes daquilo que conseguimos ou não conseguimos fazer. E ter um elemento cá, sem termos ferramentas para trabalhar com ele” (M.M.)</p> <p>“E a criança não consegue mesmo, porque é uma travessia de um monte que não há forma de fazer viver aquela experiência de forma igual, equitária, a palavra bonita que quisermos utilizar. Por isso eu acho que o diálogo aqui também não me (inaudível) Que a inclusão tem o seu limite.” (M.L.)</p> <p>“Não, se calhar, entre fechar a porta, porque eu tenho consciência que não tenho condições, se calhar não é pior do que aceitar e não dar as condições. Estão-me a fazer perceber? Às vezes é preferível nós explicarmos àqueles pais que o escutismo não é a solução para que aquela criança possa evoluir mais um bocadinho.</p> <p>O escutismo não é a solução de tudo, não é o milagre para tudo. Sim, podemos fazê-lo, mas também não podemos querer ser os supprassumos. Porque, de facto, há algumas limitações que eu diria que quase que não se encaixam no escutismo que nós defendemos e que vamos praticando, percebem? Mas acredito que podemos ser inclusivos e podemos aceitá-los procurando soluções com os profissionais, com os profissionais da saúde e clínicos.” (C.M.)</p>
--	--	--	--

		<p>“Porque eu acredito plenamente que nós somos mais expressamente, exclusivos do que inclusivos, se não tivermos a abertura e a franqueza de dizer que nós não temos recursos, que nós não temos competências.” (M.M.)</p> <p>“Aquilo é uma luta sábado a sábado, desde desafiar-nos, levar-nos ao limite mesmo. Houve alturas que eu tive que puxar a mão e tive que abaixar porque ela consegue me tirar de sério. Eu tenho duas crianças assim, além dos meninos das necessidades especiais, tenho muita dificuldade em lidar com isso. Eu confesso. E acho que têm uma paciência enorme e uma vontade de nos acolher e de nos fazer crescer e de fazer com que eles consigam efetivamente se integrar ao máximo e poder efetuar o progresso deles e a caminhada deles, mas confesso que tenho tido muita dificuldade. Não é fácil.”(P.A.)</p> <p>“Ah, porque não queremos assumir responsabilidade, porque vai dar trabalho, e eu disse, desculpem, mas essa é a nossa função, nós temos que estar aqui para eles e para ajudar, nós só pelo primeiro fim de semana já estamos a desistir, pronto,” (S.P.)</p> <p>“nós temos que ser inclusivos, mas a partir do momento que vemos que também põe em causa a integridade física dos outros, dos pares, não é? temos que começar a equacionar ou mudar de estratégia ou em última análise dizer que não há condições para ponto.” (P.B.)</p>
--	--	--

		<p>“isto é cada caso é um caso efetivamente não é e nós não temos de facto estrutura que nos permita um grande...eu que o diga, não acho que nós como voluntários tenhamos que ter formação específica nestas áreas porque não somos técnicos por isso pronto, no escutismo não somos técnicos, mas se calhar ir discutindo algumas destas situações se calhar é importante porque cada caso é um caso não é e às vezes há ideias, soluções...sei lá há coisas que podem surgir.” (A.T.)</p> <p>“na segurança do restante grupo, portanto estas coisas têm de ser muito bem avaliadas. Nós já tivemos um ou outro caso em que um ou outro miúdo que entrou nos lobitos e teve que se dizer aos pais – olhe desculpe lá isto é impossível – porque basicamente os outros eram um saco de pancada para ele” (H.S.)</p> <p>“é sempre difícil estar a programar uma atividade, por exemplo, nós este sábado tínhamos a oportunidade de ir visitar um agrupamento que tem vários workshops, mas a sede desse agrupamento não tem condições para receber uma menina de cadeira de rodas, ou seja, a inclusão ficou a metade. Portanto, por mais que eu queira ir, a não ser que ande com ela ao colo ou a leve às costas, não tenho hipótese de a levar e, depois, isso faz com que também não tenha vontade, por assim dizer, de levar os outros, porque acho que não é justo ela não poder ir e os outros irem.” (D.S.)</p> <p>“Depois, imaginem, temos meninos também com dislexia, quantas vezes</p>
--	--	--

		<p>é que nós não incentivamos os meninos para ir ler, nem que seja uma lei, uma máxima, e às vezes não percebemos o diagnóstico, não é?” (T.S.)</p> <p>“sinto que cada vez mais temos miúdos a chegar com outros tipos de necessidades e muitas vezes a resposta que damos é muito daquele sentido desenrasca e é verdade, é o que tentamos fazer do melhor naquele momento, o que achamos que é o melhor, mas muitas vezes não é o melhor.” (C.B.)</p> <p>“nós também não podemos esperar que todos os miúdos vão chegar ao mesmo lado por causa das capacidades que têm, não porque não acreditamos neles e não por não fazermos um trabalho espetacular, nós podemos fazer a melhor formação do mundo podemos ser as melhores pessoas na área, mas simplesmente a crianças e jovens e adultos por causa das capacidades cognitivas que têm ou que não tem não são capazes de fazer, não estou a ser redutora acho que conseguem perfeitamente perceber onde é que eu quero chegar isto também se aplica nos escuteiros,” (A.B.)</p>
--	--	--